

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

Talita Barbara Costa de Oliveira

Exorcizo-te, in nomine Dei:

Estudo do Processo do Ritual do Exorcismo na Igreja Católica

Belo Horizonte

2014

Talita Barbara Costa de Oliveira

Exorcizo-te, in nomine Dei:

Estudo do Processo do Ritual do Exorcismo na Igreja Católica

Projeto de Pesquisa apresentado à Faculdade
de Filosofia e Ciências Humanas da
Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Prof. Dr. Leonardo H. Genaro Fígoli

Belo Horizonte

2014

AGRADECIMENTOS

Este trabalho chega ao fim depois de dois anos de esforço, conhecendo pessoas tão solidárias e dispostas a me ajudar a concretizar esse projeto.

Agradeço meu orientador Leonardo Fígoli, que aceitou com tão boa fé minhas ideias abstratas e as conseguiu modelá-las e, me guiou para que essas ideias se tornassem realidade.

Agradeço aos meus familiares e amigos que estiveram comigo todo esse tempo, apoiando-me nas horas mais difíceis. Agradeço também ao padre que me auxiliou neste trabalho, pois o considero meu orientador espiritual, que enquanto meu orientador acadêmico me auxiliava com questões antropológicas, o padre me ajudava com questões religiosas.

Obrigado, as pessoas que me permitiram entrar em suas vidas, e que me contaram coisas de seus mais íntimos dramas sociais e pessoais, confiando em uma pessoa que apareceu de repente e começou a fazer perguntas sobre um assunto tão delicado até hoje, mas que foi recebida como um membro da família.

Enfim agradeço a Deus, que me ajudou a me manter de pé até aqui.

“E, no escuro, saíram correndo pelados, achando que Deus estava voltando, e, no final, era somente o aeroplano chegando em Valadares.”

José Delfino.

RESUMO

Este trabalho procura analisar o processo do ritual do exorcismo da Igreja Católica, a partir de uma visão antropológica, explorando em outros rituais descritos por essa disciplina, para assim compreender melhor sua eficácia. Como tal, é descrito neste trabalho uma breve história de como esse ritual fora alvo de tantas discussões ao longo do tempo, sempre levantando dúvidas sobre sua eficácia, tendo, então, a Igreja o reformulado algumas vezes, chegando, até mesmo, a ocultar suas práticas da sociedade. Busca-se relatar quais são os sintomas que um indivíduo precisa manifestar para comprovar sua possessão, e quais são os objetos utilizados durante o ritual e suas simbologias. Como se verá ao longo do trabalho, o ritual do exorcismo tornou-se alvo não somente do mundo religioso mas também temos, em diversas outras vias, sua exploração, como no cinema e literatura, pois esse ritual tem a capacidade de agir no imaginário popular sobre o que de fato ocorre no ritual. Pretende-se analisar, empiricamente, a partir da Igreja Renovação Católica Carismática, como o ritual do exorcismo é praticado na atualidade.

Palavras-chave: Exorcismo. Renovação Carismática. Eficácia Simbólica.

ABSTRACT

This paper intends to analyze the ritual process of exorcism within the Catholic Church, from an anthropological point of view, exploring other rituals described in this discipline, in order to have a better understanding of its effectiveness. As such, it is described in this monograph, by making a short history of how this ritual had been the target of many discussions over time, always raising doubts regarding their efficacy. Then, the Church reformulates it a few times and even tried to hide their practices from the society. This study seeks to describe what are the symptoms which an individual must manifest to prove its possession, and which are the objects employed during the ritual and its symbolic meanings. As will be seen throughout the work, the ritual of exorcism has become a target not only of the religious world, but also in several other ways, as in movies and literature, because this ritual has the ability to act on the popular imagination especially when it comes to what really occurs in the ritual. It is intended to analyze empirically from the Catholic Charismatic Renewal Church how the ritual of exorcism is practiced today.

Key Words: Exorcism. Charismatic Renewal. Symbolic Effectiveness.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 – Cenas do exorcismo de Anneliese Michel..... 50
- Figura 2 – Imagem do altar da Comunidade Nosso Senhor dos Passos e Nossa Senhora Desatadora dos Nós..... 53
- Figura 3 – Vela em formato de cruz..... 54
- Figura 4 – Folheto para o ritual de cura e libertação (exorcismo) feito em comunhão..... 55
- Figura 5 – Veleiro..... 57

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 GÊNESIS DO MITO DE CRIAÇÃO E DOS ENSINAMENTOS DO EXORCISMO NA TRADIÇÃO JUDAICO-CRISTÃ.....	18
2.1 Gênesis da Igreja Renovação Carismática Católica.....	25
2.2 Vamos falar em línguas.....	26
2.3 Livrai-nos dos seres espirituais, ou não.....	30
2.4 Quem são os demônios da Igreja Católica.....	33
3 RITUAIS, OBJETOS SAGRADOS, SIMBOLISMOS E SUAS EFICÁCIAS.....	35
3.1 Simbolismo e ritual: dos Ndembu aos carismáticos.....	40
3.2 Como ocorre a eficácia de um ritual.....	43
4 EXORCIZO TE – CASOS DE EXORCISMO NA HISTÓRIA.....	48
4.1 <i>Exorcizo te</i> – casos de exorcismo na atualidade.....	52
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	65
6 METODOLOGIA.....	67
REFERÊNCIAS.....	68

1 INTRODUÇÃO

Quando nos atentamos ao mundo da antropologia, iremos sempre nos esbarrar com a antropologia da religião e simbólica, como os grandes autores clássicos, Edward B. Tylor, James Frazer, Émile Durkheim, E. E. Evans-Pritchard, e até, na atualidade, Clifford Geertz, que escreveram trabalhos importantes para a antropologia sobre a religiosidade de alguns grupos pelo mundo. E, como nos elucida Durkheim (1979), a religião seria o primeiro sistema que o homem organizou para explicar os fenômenos de sua vida, tanto da ordem social quanto natural. Assim, essa ideia durkheimiana, em outras palavras, exprime que, a religião rege a vida particular e social do indivíduo, desde os ditos povos “primitivos”, que buscavam na religião explicação de todos os fenômenos de ordem natural que não entendiam, até as sociedades atuais que buscam explicações de fenômenos sobrenaturais. “En Las formas elementales de la vida religiosa, [...] la religión es vista como una representación de los poderes de la sociedad, como una comunidad moral que crea vínculos de solidaridad en rituales, festividades y devociones comunales, siempre renovados.” (DICCIONARIO DE ANTROPOLOGÍA, 2000:179).

Essas palavras de Durkheim, lembra-nos do psicanalista Sigmund Freud (Freud não será utilizado neste trabalho na análise para o ritual do exorcismo, mas somente o utilizaremos aqui como exemplo simples da ideia de Durkheim sobre como a religião age na sociedade e vice-versa), em *O futuro de uma ilusão* ele nos fala que a religião é um construto da sociedade pra suprimir suas deficiências, por exemplo, o mandamento *não matarás* segundo Freud, é fundado na religião porque impede que o indivíduo venha cometê-lo, pois o que mais interdita o indivíduo é o sentimento de culpa, e ele acreditar que possui uma força suprema (um sagrado) o vigiando todo o tempo e que tem totais poderes sobre como será sua vida eterna é muito mais forte do que apenas ter que se reportar a outro indivíduo e sofrer uma pena jurídica, ou seja, o mundo sagrado nos oferece mais pavor do que o mundo cotidiano, pelo fato do sagrado permanecer no desconhecido. Freud também nos fala que o indivíduo cria os seus próprios deuses conforme suas necessidades, e assim, a sociedade acaba cultuando a si mesma, e se alto engrandecendo. Podemos

ver isso muito nas histórias de Roma e Grécia, onde em cada cidade destes países possuíam seus próprios deuses e, esses lhes beneficiavam conforme a necessidade da cidade, e em cada cidade seus cidadãos consideravam o seu deus melhor do que o de outra cidade (FUSTEL DE COULANGES, 1975). E é isso que nos elucida Durkheim cada sociedade/grupo/cidade, possuem sua religião para engrandecer a si próprio, e manter seus laços unidos.

Desta maneira, a antropologia da religião e do simbolismo tem nos atentando a uma dicotomia que pode ser encontrada em qualquer lugar, como elucida Malinowski em seu livro *Ciência, Magia e Religião* quando diz que: “Não existem povos, por mais primitivos que sejam, sem religião nem magia. [...] Em todas as sociedades primitivas, [...], foram detectados dois domínios perfeitamente distintos, **o Sagrado e o Profano**, [...]” (MALINOWSKI 1984 :19, grifo meu). O mundo social é criado a partir dessa oposição, sendo que, é nela que nasce a religião e estudando-a podemos compreender como se organizam as representações tanto da ordem natural quanto da ordem social (Durkheim 1979). Só não devemos confundir a oposição sagrado/profano como sendo caracterizada como bem e mal. As coisas sagradas são do mundo místico-religioso (as coisas que praticamos através dos ritos/mitos), e as coisas profanas como nos elucida muito claramente Mircea Eliade pertence ao mundo natural, ou seja, o nosso mundo cotidiano. “Encontramo-nos diante do mesmo ato misterioso: a manifestação de algo ‘de ordem diferente’ – de uma realidade que não pertence ao nosso mundo – em objetos que fazem parte integrante do nosso mundo ‘natural’, ‘profano’.” (ELIADE, 1992: 13). Se procurarmos na Enciclopédia Einaudi, podemos compreender um pouco melhor do que seria esse mundo natural/profano, onde, segundo essa enciclopédia as sociedades ditas “primitivas” tratam as questões econômicas como da ordem do sagrado, eles tratam de uma simples derrubada de uma árvore para uma colheita, até a questão de governar um grupo, são trabalhos desempenhados através de rituais, tendo todo um mundo mágico-religioso envolvido, diferente de nossa sociedade ocidental que trata a economia como da ordem natural, ou seja, é parte do nosso cotidiano, não tendo assim, nada a ver com o mundo religioso, mas ao dia a dia, o profano. O ocidente trata “Ora, a relação dialéctica entre sacro e profano passa a ser concreta quando é aprofundada

antropologicamente, como oposição entre momento útil ou econômico (profano) e momento não-útil e não-econômico (sagrado) [...]” (MYTHOS/LOGOS SAGRADO/PROFANO, 1987:106). Assim, como este trabalho se limita a nossa sociedade devemos analisar sagrado/profano como: “[...] a relação sagrado/profano pode ser lida como religião/não-religião (=laicidade), mas apenas nas culturas que separaram o mundo do divino do mundo do quotidiano, o mundo do não-útil do ponto de vista econômico, do mundo do economicamente útil.” (MYTHOS/LOGOS SAGRADO/PROFANO, 1987: 108).

Dessa maneira, o indivíduo está envolvido com questões do mundo místico, e é um pedaço deste universo que mostraremos neste trabalho com o ritual do exorcismo na Comunidade Renovação Católica Carismática.

Conforme o cristianismo fora se tornando uma religião mais sólida na sociedade europeia, adquirindo um espaço para a Igreja não só religioso mas também político, podemos observar vários acontecimentos históricos que ocorreram sobre sua ordem. Na Europa, principalmente, assistimos à Igreja transitar, do século XIV ao XVII, por um obscuro e longo período de perseguição social e religioso, impondo punições a quem expressasse qualquer crença que não fosse católica (período conhecido como “caça às bruxas”).

Todavia, no século XVIII, principalmente com o Iluminismo, a divindade *Deus* deixa de ser o centro de tudo para dar lugar ao próprio indivíduo. “O sujeito do Iluminismo estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo ‘centro’ consistia num núcleo interior, [...]” (HALL, 1999: 10). Ou seja, o indivíduo estava em busca de conhecer sua própria natureza, buscava ser uma pessoa moderna e progressista, adquirindo uma aversão à Igreja, obrigando-a a adaptar-se a esse novo momento, desenvolvendo e ajustando novas concepções sobre sagrado e profano (os dogmas). Um desses ajustes foi tratar o ritual do exorcismo como uma relíquia medieval.

Entre os séculos XIV e XVII, a crença no poder de Satanás alcançou níveis maníacos, o que, por sua vez, estimulava uma febre de bruxas. Milhares de pessoas, principalmente mulheres, foram queimadas vivas na fogueira ou castigados por uma suposta

prática de bruxarias, feitiços ou outros atos demoníacos. Por fim, a Igreja via a necessidade de adotar medidas severas. Como resultado, por volta do século XVIII, o rito do exorcismo começou a cair em desuso. Além disso, um período histórico de avanços médicos e científicos, e, por fim, o desenvolvimento do campo da psicologia, conduziu o pensamento para outras direções, até mesmo dentro da Igreja. O Iluminismo e o Racionalismo priorizaram a razão sobre a emoção e as leis da natureza sobre as tradições ritualísticas e a superstição. A Igreja, lentamente, chegou a um acordo com a Idade Moderna, e para muitos membros de sua hierarquia nos séculos XIX e XX o exorcismo se tornou um ritual ofensivo e embaraçoso, que era melhor esquecer. (WILKINSON, 2008: 60-61).

Outro grande impacto que a Igreja sofreu, e que acabou reformulando também seus dogmas, teria ocorrido por causa da Reforma Protestante, onde, devido o rompimento de Martinho Lutero com os católicos, fragmentou-se, assim, a Igreja entre protestantes e católicos, e dentro dessas duas linhas foram surgindo outros ramos. Assim, cada ramo questionou diversos dogmas, e mais uma vez a prática do ritual do exorcismo fora contestada como um ritual “primitivo”. Entretanto, no início do século XX, surge uma denominação de nome pentecostal (A Comunidade Renovação Católica Carismática segue essa denominação). Esses pentecostais resgatam a cura pela fé e, assim, o ritual do exorcismo ressurgiu com muita força.

Enquanto isso, na cultura popular, o interesse pelo exorcismo estava retornando, em parte como reação a uma proliferação constatada da magia negra e dos cultos satânicos. A volta do exorcismo também foi estimulada pelo crescimento do movimento católico da Renovação Carismática, nas décadas de 1970 e 1980, uma facção pentecostal que acredita em curas e em profecias. (WILKINSON, 2008: 65).

Essas Reformas dividiram a Igreja em duas fases, a Igreja Primitiva e Moderna, as linhas que foram surgindo seguiram a linha da Igreja Moderna; assim o ritual do exorcismo foi deixado de lado por muitas dessas novas linhas. A linha pentecostal que traz alguns traços da Igreja Primitiva, buscando traços da Igreja desde suas origens, desde os ensinamentos de Cristo.

As tendências de reforma interna que precederam o grande corte não tiveram tempo nem possibilidades de articular plenamente os programas de retorno às origens. Os reflexos defensivos prevaleceram e os programas de reformas em nome do modelo evangélico tornaram-se suspeitos aos olhos dos órgãos superiores da Igreja Romana, sendo tolerados apenas como actos de ascese individual e marginal, como impulsos afectivos sem pretender atingir as grandes massas de fiéis e as instituições eclesíásticas. Mas nenhuma ideia de profunda reforma da Igreja e da cristandade podia dispensar uma séria reflexão sobre o cristianismo primitivo. E as dificuldades da Igreja no século XX remetem inevitavelmente o problema para a ordem do dia, dando-lhe uma dimensão dramática, uma vez que a reforma da Igreja vindo do interior pode evitar ao cristianismo as crises mais graves. <<Savonarola subiu à fogueira; quinze anos mais tarde aparecia Lutero>>, lê-se num ensaio sobre as reformas das estruturas da sociedade cristã publicado quinze anos antes do Concílio Vaticano II. (MYTHOS/LOGOS SAGRADO/PROFANO, 1987: 171).

Antes de aprofundarmos sobre o funcionamento deste ritual, cito as palavras do Padre Amorth que, em seu livro *Exorcistas e Psiquiatras*, começa dizendo: “Tenho dificuldade em abordar a história dos exorcismos na Igreja Católica, desde Jesus Cristo até hoje. É uma história que ainda não foi escrita; fato que representa uma grave lacuna.” (AMORTH, 2008: 11). Acredito que essa lacuna é pelo fato de que esse ritual foi e ainda é considerado um tabu, tendo, assim, pouca informação concreta e confiável de sua história.

A partir da década de 70 é lançado o filme *O Exorcista*, que seria baseado em um caso real acontecido em Mount Rainier, Maryland em 1949, com um garoto de 13 anos (ALLEN, 1994), houve um surto de relatos de pessoas que supostamente estariam possuídas, fazendo assim com que a Igreja agisse cada vez mais com cautela na hora de avaliar um caso, pois como o próprio padre P.¹ que é o padre exorcista² que me auxilia neste

¹ Todos os nomes citados neste trabalho estão, desta maneira, abreviados para preservar a cada um, pois esse assunto é um assunto delicado, e não gostaria de expor nenhuma pessoa. Todos foram gentis e prestativos em me auxiliar neste trabalho e não gostaria que ninguém passasse por quaisquer constrangimentos que poderiam existir. As iniciais correspondem as de seus nomes verdadeiros.

trabalho, disse-me em uma de nossas conversas, que há muita gente que lhe procura somente por curiosidade, só para ver se ele teria algum poder mágico-religioso. Entretanto, para que qualquer ritual tenha sua eficácia, é necessário que todas as pessoas envolvidas nele acreditem em seu poder, e que todos os envolvidos acreditem de fato que exista um mal que precise ser esconjurado, senão, o ritual não terá êxito. “Para que o ritual funcione e opere, primeiro é preciso que ele se apresente e seja percebido como legítimo, [...]” (BOURDIEU, 1996: 93).

Assim, por ter o padre P. como meu auxiliador, minha pesquisa caminha pela Comunidade Renovação Católica Carismática por essa ser a denominação ao qual ele pertence. Sua Igreja localiza-se em Contagem, no bairro Eldorado, e o nome da instituição é Nosso Senhor dos Passos e Nossa Senhora Desatadora dos Nós. Em sua igreja o padre P. realiza toda semana, nas quartas-feiras, o ritual do exorcismo com a oração do São Miguel Arcanjo, todavia, como ele mesmo havia me informado, esse não seria o ritual verdadeiro, mas sim uma oração de libertação, muito comum entre os carismáticos. “A libertação é considerada apropriada apenas em casos de opressão demoníaca, os casos de possessão completa devem ser levados ao conhecimento de um sacerdote para tratamento com o rito de exorcismo oficial da Igreja [...]”. (CSORDAS, 2008: 35³).

Desta maneira, para que eu pudesse de fato assistir a algum ritual de exorcismo, teria de esperar até que surgisse um caso de fato. Assim, por durante seis meses esperei por um caso, mas foi em vão, até que, através de um amigo, fui indicada a uma conhecida sua de nome N. que estaria com seu filho, J. possesso. Ele já havia passado por diversas clínicas psiquiátricas e um dos psiquiatras que o havia avaliado teria recomendado um padre exorcista, fazendo com que ela, desde então, procurasse por um, até que, por esse amigo em comum, nos encontramos (esse caso será mostrado e detalhado no

² Depois de um ano de procuras em vão por um padre exorcista, tendo até alguns padres me falado que esse ritual já nem existia mais na Igreja, um amigo recém-voltado do seminário auxiliou-me indicando o padre P. que foi muito gentil comigo e me ajudou a fazer esta monografia que estão lendo

³ Essa é uma citação retirada de nota de rodapé da página já citada conforme as normas.

capítulo 4, tópico 4.1 denominado Exorcizo te – casos de exorcismo na atualidade).

Todavia, antes de prosseguirmos, devemos entender um pouco mais o que seria um ritual de exorcismo. Segundo o dicionário Priberam, exorcismo significa: “s.m. 1. [Religião católica] Orações e cerimônias do prelado ou do sacerdote para ordenar ao demônio que deixe o possesso. 2. Preces para afugentar tempestades, insetos malignos, etc. 3. Esconjuro.” (DICIONÁRIO Priberam online, 2012). Assim, o exorcismo seria um ato de esconjurar, de afastar, no caso do catolicismo, demônios e espíritos malignos que estariam atormentando a vida de uma pessoa.

É um ritual de combate do bem contra o mal, tendo um intermediário que está preparado para tratar diretamente com esse mal sem que isso o afete, tentando evitar o sofrimento físico e psicológico das pessoas envolvidas no processo. Temos casos de rituais de exorcismo em que, infelizmente, a pessoa, dita possessa, entrou em óbito, por que o intermediário não conseguiu dominar as forças do mal.

Mas antes de iniciar qualquer ritual de exorcismo, o padre procura identificar a possessão através de sintomas clássicos que um indivíduo manifesta, como:

Há quatro sintomas constantes da verdadeira possessão, dizem os exorcistas, e a lista tem permanecido imutável desde os tempos medievais: manifestar uma força sobre-humana; falar em linguagens ou em línguas que a vítima não conhece; revelar um conhecimento, longínquo ou secreto, que a vítima não tem como saber; proferir imprecações furiosas e manifestar aversão aos símbolos sagrados. (WILKINSON, 2008: 44).

O primeiro sintoma é uma das grandes dificuldades de um exorcista, por isso que normalmente ele realiza o ritual com intercessores que possuem a função de rezar pelo indivíduo possesso enquanto o padre está em confronto com o inimigo, mas, às vezes, esse inimigo fica tão furioso por estar perdendo a batalha que uma de suas armas é a violência, e como o demônio é um ser sobrenatural, sua força também se torna irreconhecível para nós seres humanos, podendo a pessoa possessa derrubar um indivíduo duas vezes

maior que seu peso e altura. Já a questão da glossolalia e xenoglossia (tendo suas definições no capítulo seguinte), o falar em línguas estranhas, também é muito comum durante o ritual, e um dos sintomas mais significativos para comprovar a possessão. Sobre a questão de revelar coisas secretas, o demônio utiliza de toda sua retórica, tentando convencer o padre de que ele não passaria de um simples homem, sendo um pecador como outro qualquer, assim, ele não seria capaz de livrar o indivíduo do mal. A confissão do padre antes do ritual é muito importante para que o inimigo não tenha como utilizar seus pecados para persuadi-lo.

Assim, rejeita-se, para provar a vida divina, tudo o que faz parte do desenrolar habitual da vida humana: a palavra, o sono, a companhia de outrem, o trabalho, a alimentação, as relações sexuais. Aquele que o deseja sacrificar, penetrar no templo, comunicar com o seu deus, deve, de antemão, romper com os seus hábitos quotidianos. (CAILLOIS, 1988: 39).

O último sintoma elucidado por Wilkinson, a aversão aos símbolos sagrados, normalmente é um dos primeiros sintomas que aparecem, como podemos lembrar um dos casos mais famosos da história do exorcismo, que é o de Anneliese Michel, mais conhecida no cinema como Emily Rose, em que, até hoje, há controvérsias se ela sofria de distúrbios mentais ou estaria possuída. Mas, sofrendo por doença ou demônio, ela manifestava aversão ao símbolo da cruz, não conseguindo tocar o objeto, assim, também, como o caso relatado no quarto capítulo deste trabalho, onde o jovem J. não conseguia falar o nome do papa, só o chamando de aquele “cara”, e, quando o padre perguntava se ele sabia quem era esse cara, ele respondia tudo sobre ele, só não conseguia dizer que ele era o Papa Francisco, negando assim o sagrado, (o Papa é considerado pelo catolicismo o homem mais sagrado do mundo).

Todavia, na Comunidade Renovada Católica Carismática, que é o foco de nossa pesquisa, o padre que me auxiliou não se preocupa necessariamente com estes sintomas, eles são sim importantes, entretanto, ele utiliza principalmente de seu *dom* (o dom é algo recorrente na carismática, pois é uma bênção dada direto do Espírito Santo), para identificar a presença da força do

mal. E o padre P. também não precisa pedir autorização aos seus superiores toda vez que for realizar um ritual.⁴

Sendo assim, depois de tudo avaliado e confirmado a possessão, o padre se prepara para o ritual. Ele irá munir-se dos objetos sagrados como: água benta; a cruz; o crucifixo; o óleo ungido; a Bíblia Sagrada. Ele também irá se vestir apropriadamente com a estola roxa (do latim stola, vestuário. [Religião católica] Paramento em forma de fita larga que o padre traz pendente do pescoço sobre a alva ou a sobrepeliz – Dicionário Priberam, online 2012).

Enfim, a proposta deste trabalho é relatar sobre o processo do ritual do exorcismo na igreja católica, e não em desvendar se existem demônios ou não, mas transcrever o que vi e vivi em campo, baseado em uma bibliografia antropológica e religiosa. Assim, aproprio-me do que escreve Ioan M. Lewis em seu livro *Êxtase Religioso*, que, no trabalho que realiza, não lhe cabe dizer quem está possesso ou não, ou até mesmo se existe de fato esse manifestar por demônios, entidades ou quaisquer seres sobrenaturais, mas que ele está ali apenas para descrever as crenças de um grupo. “Portanto, não nos cabe julgar quem está ou não realmente ‘possuído’. Se alguém é, em seu próprio meio cultural, considerado em termos gerais como possuído por um espírito, então essa pessoa está possuída.” (LEWIS, 1977: 52). Enfim, este trabalho, não é um manual de como fazer um exorcismo, mas sim um trabalho com olhar antropológico de como é esse mundo simbólico.

⁴ A Comunidade Renovação Católica Carismática é uma linha mais liberal dentro da Igreja Católica, e como ela se baseia nos dons do Espírito Santo, o padre tendo então recebido esse dom, tem autoridade de praticar sem precisar de autorização.

2 GÊNESIS DO MITO DE CRIAÇÃO E DOS ENSINAMENTOS DO EXORCISMO NA TRADIÇÃO JUDAICO-CRISTÃ

No princípio não havia nada, até que *Numen* (OTTO, 1985), por durante sete dias, fora criando céus e terras, separando luz das trevas, separou também as águas dos rios, lagoas (doce) das do oceano (salgada), criou cada animal existente e deu-lhe uma função e um habitat, até que no sexto dia, então, criou Deus o homem, “E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo o réptil que se move sobre a terra.” (Gênesis, 1997: cap. 1 vers. 26). E assim, quando Deus percebeu que havia criado pares de oposição (luz e trevas, água doce e salgada), ou por associação (cada animal com seu parceiro), depreendeu que o homem também não poderia ser único e só, criando então a mulher. “E da costela que o Senhor Deus tomou do homem, formou uma mulher, e trouxe-a a Adão.” (Gênesis, 1997: cap. 2 vers.22).⁵

Sendo assim, na terra tudo estava harmoniosamente bem, todavia antes da própria criação da terra, o céu não se encontrava em equilíbrio, pois teria ocorrido uma guerra entre Deus e o Arcanjo Lúcifer, refletindo isso na criação da terra, que seria a escolha de uma vida sagrada, ou uma vida comum.

O Padre exorcista espanhol José Antonio Fortea em seu livro *Svmma Daemoniaca*, nos conta que o arcanjo *Lucem Ferre* (tradução do latim que significa estrela da manhã), teria cometido o primeiro crime na história contra Deus, e esse crime foi causado por ele por ter filosofado demais. Segundo Fortea, arcanjos, anjos, querubins, enfim, os seres espirituais, não possuem corpos físicos, não podendo ter uma batalha materialmente, por isso, suas batalhas teriam que se constituir de uma boa retórica para que pudessem assim convencer o outro e conseguir a vitória.

⁵ E. Leach, em seu artigo sobre o mito do Gênesis, nos conta que Deus criara tudo em pares (binarismo) e em oposição. Segundo o autor tudo precisa se contrapor, pois assim as coisas não seriam entendidas, como o exemplo que ele expõe sobre vivo e morto, que a gente só consegue compreender que algo está vivo compreendendo que não está morto. “Assim sempre é no mito – Deus contra o mundo e o próprio mundo dividindo-se eternamente em pares de opostos: masculino e feminino, morto e vivo, bom e mau, primeiro e último...” (LEACH, 1983: 58).

O arcanjo Lúcifer queria ser reconhecido como um deus, pois ele se via igual a Deus e, por ser igual não lhe devia obediência, mas, sim, a mesma autoridade e poderes. Não obstante, ele não teve êxito em sua batalha, sendo então expulso dos céus e aprisionado eternamente no inferno. Todavia, Lúcifer não foi expulso sozinho, todos os seres espirituais entraram na batalha, e cada um escolheu um lado, e, quando Lúcifer perdeu, os que o apoiaram foram banidos também para o inferno, formando, assim, o que conhecemos hoje como demônios, espíritos imundos, legiões do mal, etc.

Como caíste desde o céu, ó Lúcifer, filho da alva! Como foste cortado por terra, tu que debilitavas as nações! E tu dizias no teu coração: Eu subirei ao céu, acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono, e no monte da congregação me assentarei, aos lados do norte. Subirei sobre as alturas das nuvens, e serei semelhante ao Altíssimo. E contudo levado serás ao inferno, ao mais profundo do abismo. (Isaías, 1997, cap.14, vers.12-15).

Assim, como Adão e Eva foram criados depois dessa separação entre vida sagrada e vida comum, Deus lhes deu a escolha de permanecerem com ele no paraíso conhecendo somente o que é bom, ou então poderiam comer do fruto proibido transgredindo sua lei, conhecendo o bem e o mal, convivendo então em pecado e tendo que sobreviver ao mundo sem sua ajuda. “Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se abrirão os vossos olhos, e sereis como Deus, sabendo o bem e o mal.” (Gênesis, 1997, cap. 3 vers. 5). Adão e Eva não queriam comer do fruto, mas foram enganados por satanás (disfarçado de serpente) que os induzira a comer o fruto e conhecer, desta forma, a face do mal, sendo expulsos do paraíso e das graças divinas. Deus amava Adão e Eva, mas como lhes desobedeceram foi lhes mostrado seu *mysterium tremendum* (OTTO, 1985). Deus é dotado de toda bondade, todavia, quando enche-se de fúria, torna-se tão terrífico, sendo a coisa mais assustadora que o homem pode sofrer.

Qualquer concepção religiosa do mundo implica a distinção do sagrado e do profano, opõe ao mundo em que o fiel se entrega livremente às suas ocupações, exerce uma actividade sem consequências para a sua salvação, um domínio onde o temor e a esperança o paralisam alternadamente, onde, como a beira de um

precipício, o mínimo desvio no mínimo gesto pode perdê-lo irremediavelmente. (CAILLOIS, 1988: 19).

Fora do paraíso, Adão e Eva geraram Caim e Abel, tendo os seus filhos e todo o resto da humanidade (inclusive nós) que sofrer pelo pecado de transgressão ao Pai Celestial. E assim, em Gênesis 4, está escrito que Abel e Caim deveriam ofertar a Deus (mesmo seus pais perdendo o direito ao paraíso, os homens continuaram a adorar a Deus), todavia, Deus aceitaria somente a oferta do primeiro, deixando Caim enfurecido e com tanto ciúme de seu irmão que acabaria por cometer o primeiro assassinato. Caim, sabendo que sua maldade era maior que seu arrependimento, foi embora para outra terra bem longe dos olhos de Deus, e assim, então, habitou numa terra chamada Node e lá conheceu sua esposa e teve vários filhos, que conceberam várias gerações.

Com o passar do tempo, Deus perceberia que o homem estava se multiplicando sobre a face da terra, e, com ele, também a maldade, arrependendo-se de tê-lo criado. “E viu o Senhor que a maldade do homem se multiplicara sobre a terra e que toda a imaginação dos pensamentos de seu coração era só má continuamente.” (Gênesis, 1997, cap. 6, vers. 5). Por causa de toda essa maldade, o divino iria destruir tudo que estivesse na terra, mas percebeu que havia um homem ainda puro e digno de confiança, chamado Noé, resolvendo, então, deixar somente ele, sua família e alguns animais a salvo diante de sua destruição. Mais uma vez o ser humano pode sentir o *mysterium tremendum*.

Para salvar Noé e os seus, o divino pediu-lhe que construísse uma arca e que ele, e mais os animais que ele escolhera, aguardassem dentro dela, pois seria mandado sobre a terra um dilúvio que acabaria com tudo e todos. E assim sucedeu, depois do dilúvio, restaram somente Noé e sua família de humanos, encarregados, então, de repovoarem a terra. Todavia, com o passar do tempo, a maldade voltou a reinar e, mais uma vez, Deus sentia que devia intervir, só que, dessa vez, o homem não iria sentir seu *mysterium tremendum*, mas sim sua misericórdia, pois Ele ama tanto o homem que não quer que ele sofra mais com a maldade. Assim, o divino enviou seu filho único na terra para que ele viesse a sofrer no lugar da humanidade salvando-a de seus pecados.

Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna. Porque Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para que condenasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele. (João, 1997 cap. 3 vers. 16-17).

Assim, Jesus Cristo veio ao mundo entregando sua própria vida para salvar a todos, mas, antes de sua morte, ele deixou alguns ensinamentos para salvar o indivíduo das armadilhas causadas pelo mal. Um dos ensinamentos, deixados por Cristo aqui na terra, teria sido o de expulsar demônios das pessoas, através do ritual do exorcismo (que é praticado até nos dias atuais por algumas igrejas, com maior recorrência em igrejas católicas carismáticas e igrejas pentecostais). Na passagem de Marcos, no capítulo 5, podemos ver o próprio Jesus praticando esse ritual, onde expulsou, pelo nome de seu pai, os demônios denominados por Legião que estavam no corpo de um homem, ordenando a esses demônios (que eram dois mil) para que entrassem nos dois mil porcos que estavam perto dali, e, logo após entrarem, ordenou que se jogassem ao mar, libertando o indivíduo.

Cristo, em seus últimos dias de vida, vai até Pedro um de seus discípulos e o deixa encarregado de pregar seus ensinamentos para toda criatura na terra. Dessa forma, Pedro é considerado o primeiro Papa (no período de 30 d.C. à 67 d.C.) sendo ele o fundador da Igreja Católica.

A Igreja de fato irá criar corpo no século XIII, onde podemos ver uma comunidade de salvação em uma realidade terrena, assim, as pessoas poderiam ir há um lugar para buscar o mundo sagrado.

Nas concepções da história da Igreja, de que se encontram as primeiras formulações, depois dos Actos dos Apóstolos, na História Eclesiástica de Eusébio de Cesaria (falecido em 340), a comunidade eclesial aparece em primeiro lugar como uma realidade transcendente e escatológica. Ela é o lugar de realização da economia de salvação. Equivalente ao povo de Deus, a Igreja é também uma realidade terrena submetida à evolução histórica. (MYTHOS/LOGOS SAGRADO/PROFANO, 1987: 164).

A igreja fundada começa então a aderir adeptos, e a eles são ensinados o que Jesus havia pregado enquanto esteve na terra. Assim como Cristo ensinou a seus discípulos a como libertar pessoas que estariam possuídas, os padres formados pela Igreja também foram imbuídos dessa missão caso precisassem.⁶

No Décimo Cânon do Concílio de Antioquia, realizado em 341 d.C., a Igreja cristã da época ordenou sacerdotes para realizarem um detalhamento ritual de exorcismo. Antes que seja tentado um exorcismo, a Igreja exige rigorosos exames e entrevistas pessoais para determinar se o candidato está realmente possuído. (MAUREY, 1988:33).

Por conseguinte, nos séculos XIV e XV, vemos o poder da Igreja crescer tanto político quanto social, tendo o rei utilizando a Igreja como justificativa de seus atos, e a Igreja utilizando o nome do rei para praticar certos atos também.

A Igreja enquanto corpo místico e a Igreja enquanto corpo político – eis as duas concepções eclesiológicas entre as quais se fazem as opções doutrinárias no decurso da Idade Média e dos tempos modernos. Encontramo-las por vezes justapostas, e, muito para além dos debates sábios dos teólogos, exprimem-se em diferentes comportamentos religiosos: os jansenistas, lutando contra as instituições sociais que ameaçavam as observâncias litúrgicas, e os Jesuítas, pouco sensíveis às práticas culturais, e investindo sobretudo nas práticas que levavam ao enraizamento na sociedade civil. (MYTHOS/LOGOS SAGRADO/PROFANO, 1987: 166).

Assim a Europa passou por vários surtos nesses séculos, como a peste negra, miséria e pobreza ao extremo, e como a Igreja estava dotada de poderes políticos e sociais, justificava que todos esses surtos eram causados pelo demônio, tendo então o indivíduo que obedecer a Igreja para que não sofresse desses males.

⁶ Todavia lembremos que este estudo se baseia na Igreja Renovação Católica Carismática que admite que “[...] o poder de curar provém de ‘dons espirituais’ (‘carisma’ em termos teológicos) outorgados por Deus”. (CSORDAS, 2008: 72), assim não é qualquer padre que pode praticar esse ritual, muitos podem ser padres, mas poucos recebem os carismas. E o mais importante, um padre exorcista deve reconhecer realmente quando o indivíduo está possesso ou não, fazendo uma entrevista e tentando discernir o que poderia ser possessão, pois os sintomas, às vezes, são muito semelhantes às doenças da psique.

Com o demônio a solta na Europa, em 1614, o Papa Paulo V oficializou o livro *Rituale Romanum* que é um livro que possui as orações litúrgicas da Igreja (ele é escrito em latim). Em uma parte do livro, temos orações para afastar demônios, e também as indicações de como identificar um caso de possessão. Esse livro é um instrumento utilizado pela Igreja até nos dias atuais. Entretanto, em 1999, quando o Papa João Paulo II - repensando o Concílio do Vaticano II, que ocorreu de 1962 a 1965⁷, realizado pelo Papa João XXIII na tentativa de renovar a Igreja para se aproximar do mundo moderno e atrair mais membros (um exemplo seria o decreto de que as missas não seriam mais em latim) - reformulou algumas coisas no *Rituale Romanum*, sendo que, na parte do exorcismo, muda-se o original, de que doenças como epilepsia e esquizofrenia sempre são casos de possessão, para podem ser casos de possessão.

Durante a Idade Média, a epilepsia era considerada uma manifestação espiritual, freqüentemente associada à idéia de possessão demoníaca, o que trouxe aos portadores um sofrimento adicional, imposto pelo preconceito. Eles eram segregados e rotulados como 'lunáticos', sendo desacreditados e excluídos da vida social e científica. (DANTAS, RIBEIRO, JÚNIOR, 2008: 71).

Já no Brasil, até 2004, o livro ainda permanecia com as orações em latim e sem as novas reformas tanto de 1965 quanto de 1999, até que houve uma promulgação onde o Cardeal Geraldo M. Agnelo, presidente na época da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), autorizou que fosse publicado em português um livro denominado *Ritual de exorcismos e outras súplicas*, em que constam orações para o ritual do exorcismo e outras doenças, podendo, assim, que padres e pessoas preparadas o utilizem nos rituais.

⁷ Carta Apostólica de encerramento do Concílio – “O Concílio Ecumênico Vaticano II, reunido no Espírito Santo e sob a proteção da bem-aventurada Virgem Maria, a quem declaramos Mãe da Igreja, de São José seu ínclito esposo, e dos santos apóstolos Pedro e Paulo, deve ser contado sem dúvida entre os maiores acontecimentos da Igreja. Com efeito, foi o maior pelo número de Padres, vindos de todas as partes da terra, mesmo daquelas onde só há pouco foi constituída a hierarquia; foi o mais rico pelos temas que, durante quatro sessões, foram tratados com empenho e perfeição; foi o mais oportuno, enfim, porque, tendo em conta as necessidades dos nossos dias, atendeu sobretudo às necessidades pastorais e, alimentando a chama da caridade, esforçou-se muito por atingir com afeto fraterno não só os cristãos ainda separados da comunhão da Sé Apostólica, mas também toda a família humana. Assim pois, com a

Na qualidade de Presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, tendo em vista a tradução em língua portuguesa do RITUAL DE EXORCISMO E OUTRAS SÚPLICAS, aprovada pela Assembleia Geral dos Bispos do Brasil, realizada de 21 a 30 de abril de 2004, e confirmada pela Sagrada Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, no dia 30 de julho de 2004, Prot. N.: 1007/04/L, levamos ao conhecimento de todos e promulgamos os referidos atos, para que produzam todos os seus efeitos a partir do dia 1 de dezembro de 2004. (RITUAL DE EXORCISMO E OUTRAS SÚPLICAS, 2008: 05).

graça de Deus, estando, neste momento, concluído tudo quanto diz respeito ao mesmo sagrado Concílio Ecumênico, e tendo sido aprovadas por deliberação conciliar e por nós promulgadas todas as constituições, decretos, declarações e votos, com a nossa autoridade apostólica, decidimos e estabelecemos encerrar, para todos os efeitos, o mesmo Concílio Ecumênico, convocado pelo nosso predecessor de feliz memória, João XXIII, no dia 25 de dezembro de 1961, inaugurado no dia 11 de outubro de 1962, e por nós continuado depois da sua piíssima morte. Mandamos, também, e ordenamos que tudo quanto foi estabelecido conciliarmente seja observado santa e religiosamente por todos os fiéis, para glória de Deus, honra da santa mãe Igreja, tranqüilidade e paz de todos os homens. Isto sancionamos e estabelecemos, decretando que a presente Carta apostólica seja e permaneça plenamente firme, válida e eficaz; que tenha e consiga os seus efeitos plenos e íntegros; que seja apoiada por aqueles a quem, agora ou no futuro, dizem ou poderão dizer respeito; que assim se deve julgar e definir; e que desde este momento se deve ter como nulo e sem valor tudo quanto se fizer em contrário, por qualquer indivíduo ou autoridade, conscientemente ou por ignorância. - Paulo PP. VI –“ (Documentos do Concílio Ecumênico VATICANO II, 2002: 483).

2.1 Gênesis da Comunidade Renovação Carismática Católica

Em 08 de dezembro de 1965, o Papa João XXIII, no encerramento do Concílio do Vaticano II, apregoou que a Igreja necessitava de uma renovação, precisava ter mais carismas, que são os dons do Espírito Santo. Assim, após o discurso do Papa, as pessoas se juntavam para buscar por esses *dons*, até que, em 1967, houve um retiro de 17 a 19 de fevereiro, e milhares de pessoas receberam o Espírito Santo e começaram a falar em línguas, tendo a experiência de Pentecostes⁸, fundando, assim, a Comunidade Renovação Carismática Católica (RCC).

O ano de 1967 foi um divisor de águas na história da religião. [...] O movimento pentecostal começou na virada do século XX nos Estados Unidos, e se caracteriza por congregações independentes cujos participantes recebem o 'Batismo no Espírito' que preenche o indivíduo com poder divino e dons espirituais, tais como a glossolalia (falar em línguas) e a cura pela fé. Os jovens católicos com educação universitária que criaram o 'pentecostalismo católico' e o institucionalizaram como a Renovação Carismática Católica iniciaram um movimento que se tornou global em seu escopo, uma força poderosa para o evangelismo em oposição ao evangelismo protestante conservador e aos movimentos radicais como a Teologia da Libertação no Terceiro Mundo. (CSORDAS, 2008: 32-33).

Desde então essa denominação tem se espalhado por todo o mundo, tanto que em 2005⁹, no Brasil, já eram contabilizados 20.000 o número de grupos de orações ligados à RCC, que pregam a palavra de Deus através das curas de libertação, tendo como palavra chave o Poder, pois eles expressam o poder de Deus manifestando seus dons espirituais. "Poder é um motivo-chave para os pentecostais católicos. O movimento é chamado de Renovação Carismática exatamente por causa de seu uso ritual de 'carisma", ou 'Dons do Espírito Santo' entendidos como modos para a expressão de poder espiritual." (CSORDAS, 2008: 57).

⁸ Para melhor entendimento do que é Pentecoste, ler o tópico 2.2 Vamos Falar em Línguas.

⁹ Página com a informação completa: <http://www.rccbrasil.org.br/interna.php?paginas=37>

2.2 Vamos falar em línguas

Segundo a Bíblia, os homens que habitavam a terra desde a época de Adão até as gerações de Noé, e depois repovoaram toda a terra após o dilúvio, falavam a mesma língua, até que, em Gênesis capítulo onze, pode-se ver a maldade renascendo quando alguns homens na terra de Sinar (Sinar, segundo pesquisadores, provavelmente se localizava na região da Mesopotâmia) tentaram construir uma torre tão alta que alcançasse os céus, ultrapassando a morada divina, para que assim pudessem adquirir autonomia perante Deus, não precisando mais obedecê-lo (mesmo pecado de Lúcifer).

Assim, quando Ele veio visitar os homens e viu que a maldade estava acometendo aquela cidade, novamente manifestou seu *mysterium tremendum*, sendo que, em vez de tentar eliminar a maldade com a morte dos pecadores, Deus dividiu a terra em *confusio linguarum* (VIEIRA, 2009: 47), ou seja, criou diversas línguas, para que assim os homens não se entendessem mais e não conseguissem alcançar seus planos de se tornarem maior que Ele. Mas esse castigo de não se entenderem mais não seria somente prejudicial para a construção da torre, mas sim para qualquer outro ensinamento que queira aprender com o outro. E esta cidade onde o Senhor ficou furioso fora chamada de *Babel* que seria confusão em hebraico.

E era toda a terra de uma mesma língua e de uma mesma fala. E aconteceu que, partindo eles do oriente, acharam um vale na terra de Sinar; e habitaram ali. E disseram uns aos outros: Eia, façamos tijolos e queimemo-los bem. E foi-lhes o tijolo por pedra, e o betume por cal. E disseram: Eia, edifiquemos nós uma cidade e uma torre cujo cume toque nos céus, e façamo-nos um nome, para que não sejamos espalhados sobre a face de toda a terra. Então desceu o Senhor para ver a cidade e a torre que os filhos dos homens edificavam; E o Senhor disse: Eis que o povo é um, e todos têm uma mesma língua; e isto é o que começam a fazer; e agora, não haverá restrição para tudo o que eles intentarem fazer. Eia, desçamos e confundamos ali a sua língua, para que não entenda um a língua do outro. Assim o Senhor os espalhou dali sobre a face de toda a terra; e cessaram de edificar a cidade. Por isso se chamou o seu nome Babel, porquanto ali confundiu o Senhor a língua de toda a terra, e dali os espalhou o

Senhor sobre a face de toda a terra. (Gênesis, 1997, cap. 11, vers.:1-9)

Assim, desde Babel, a tradição judaico-cristã vem tentando reconquistar essa língua única que seria a língua *prima* de Adão e Eva, pois alcançando essa língua o indivíduo teria a remissão de seus pecados, tornando-se, assim, tão puro que poderia desfrutar das graças divinas.

Na cultura grego-judaico-cristã, a utopia de uma língua única, de uma língua do Paraíso, faz principalmente sentindo após Babel. É neste âmbito que a diversidade das línguas é concebida como uma punição de Deus. Isto alimentava a ideia de que, ao ser resgatada a suposta língua primeira, originária, finalmente o homem alcançará a redenção. Assumindo o sentindo de anomalia, a diversidade das línguas implica necessariamente que os outros são incompreensíveis e que por castigo ou infelicidade o ser humano fechou-se em sua própria língua: sua prisão linguística. (VIEIRA, 2009: 46).

E essa busca pela língua *prima* aconteceu durante a Festa de Pentecostes, descrita em Atos dos Apóstolos capítulo 2, (pentecoste quer dizer o *quinquagésimo dia*, é uma festa comemorada cinquenta dias depois da páscoa ¹⁰), essa festa é realizada no primeiro dia de colheita, e essa primeira colheita e ofertada a Deus, em agradecimento e respeito. Assim, a passagem bíblica nos conta que, de repente, no meio da festa, o Espírito Santo manifestou-se as tocando espiritualmente e fazendo-as falar em línguas, mas não era qualquer língua e sim a língua *prima* (que é também conhecida como a língua dos Anjos). E aquelas pessoas, durante toda a festa, se encheram do Espírito Santo e pularam e gritaram, estavam em completo êxtase; eles estavam possessos, mas possessos pelo divino, estavam enchendo da graça de Deus.

¹⁰ "Pentecostes significa quinquagésimo. Essa expressão é uma designação grega-helenista para a festa hebraica das semanas, cuja instituição é descrita em Levíticos e Deuteronômios. O termo 'semanas' faz alusão às diversas semanas que se tinha de passar entre a páscoa e a celebração da colheita. Segundo Champlin (2002), passavam-se sete semanas entre as duas ocorrências calculadas a começar do primeiro dia após início da Páscoa. Os judeus que falavam o grego, chamavam essa festa de Pentecostes, por ser observada no quinquagésimo dia do calendário judaico. A festa de Pentecostes marcava o início da colheita de trigo, e agia como espécie de santificação do povo durante todo o período da colheita. Nessa celebração, os israelitas ofereciam o melhor do fruto da terra, ou seja, as primícias para Deus." (FERNANDES, 2006: 18).

Cumprindo-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar; e de repente, veio do céu um som, como de um vento veemente e impetuoso, e encheu toda a casa em que estavam assentados. E foram vistas por eles línguas repartidas, como que de fogo, as quais pousaram sobre cada um deles. E todos foram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem. (Atos dos Apóstolos, 1997, Cap. 2, vers.1-4).

O antropólogo Van Gennep (1908) elucida que em todas as sociedades existem uma língua sagrada e outra comum do dia a dia (profana), e que quanto mais uma sociedade restringe-se a falar essa língua sagrada mais ela se torna especial, pois ela reserva-se para poucos. Assim, se analisarmos a tradição judaico-cristã, que tem por mito de criação uma língua única, mas que por profanidade dos homens foi restringida tornando-se muito sagrada, a ponto de que, nos dias póstumos a esse castigo da proibição dessa língua *prima*, só poderá falá-la somente quem alcançar a bem-aventurança, e esse direito será dado por uma autoridade (neste caso Deus).

On constate dans toutes les civilisations la coexistence d'une langue sacrée et d'une langue profane. Il va de soi que plus la société restreinte qui a pour spécialité l'activité sacrée est organisée plus sa langue spéciale l'est aussi, au point d'être parfois une véritable langue tombée hors de l'usage general: c'est le cas du sanskrit dans l'Inde, du latin en pays catholiques, du vieux-slave en Russie, etc. et peut-être du sumérien dans l'Assyro-Baby-lonie ancienne. Ce procédé d'immobilisation d'une langue entière est le cas extreme d'un proceed proper, plus ou moins, à toutes les langues sacrées. Toute la langue liturgique présente un caractère sacré d'autant plus facile à lui conserver que la société profane n'en fait pas usage. (GENNEP, 1908: 329-330).

Dessa forma, no dia de Pentecostes, manifestou-se o dom de falar em línguas também conhecido como glossolalia que podemos ver hoje em dia muito nas igrejas pentecostais e também na RCC. O sociólogo Maurício Ricci define com maiores detalhes o que seria essa glossolalia no pentecostalismo: “A glossolalia encarna um fenômeno catalisador de uma complexidade de relações simbólicas, portanto culturais, que se processam no interior do

Pentecostalismo como uma forma de oração extática reconhecida pelas Igrejas Pentecostais como o dom de línguas.” (RICCI, 2007:55). No momento do manifestar o dom, como elucida também o sociólogo Émile Durkheim, o indivíduo se sente superior aos outros, pois neste momento ele está no plano do sagrado, ele está junto de Deus, e Deus está manifestando-se através dele, fazendo-o se sentir como o escolhido, o único naquele momento.

Quando o fiel está no estado religioso, ele se sente em contato com forças que apresentam as duas características seguintes: elas o dominam e elas o sustentam. Ele sente que elas são superiores àquelas das quais ele dispõe ordinariamente, mas, ao mesmo tempo, ele tem a impressão de que participa desta superioridade. (DURKHEIM, 2012: 31).

Entretanto, a glossolalia não é somente um acontecimento do mundo sagrado, ele ocorre também com quem está possuído por um demônio. Um dos sintomas clássicos para saber se uma pessoa está possessa é observar se ela fala em línguas estranhas. Entretanto, existem duas maneiras de se classificar o falar em línguas; primeiro, o indivíduo pode começar a falar em línguas que não são reconhecidas em nenhum lugar na terra, que é a glossolalia tão discutida até agora neste trabalho, e a segunda, o indivíduo fala em línguas estranhas para ele, mas conhecidas por algum grupo, que é denominado de xenoglossia, que é: “Falar em línguas estrangeiras sem tê-las apreendido... O fenômeno foi chamado por Richet xenoglossia (do grego *xenos* = estrangeiro, e *gloto* = falar).” (QUEVEDO, 1993: 117). Como, por exemplo, a pessoa começa a falar em francês ou o alemão, sem dominar nenhum desses idiomas, mas consegue escrevê-lo ou falar um número considerável de palavras que somente quem domina o idioma conseguiria fazer.¹¹

Assim, o falar em línguas pode ser considerado como um indicativo de que o indivíduo está em estado sagrado, ou que está possesso e esteja tentando confundir as pessoas que estão ao seu redor (principalmente durante uma sessão de exorcismo), ou com a glossolalia ou com a xenoglossia.

¹¹ Para melhor aprofundamento da xenoglossia e estudo de casos ler *A Face Oculta da Mente* (1993) de Oscar G. Quevedo, capítulo dez: Xenoglossia, O Inconsciente, a melhor escola de Línguas.

2.3 Livrai-nos dos seres espirituais, ou não

O estágio de possessão é manifestado em várias religiões, como na Umbanda, no Candomblé, no Neopentecostalismo, na Igreja Católica, entre outras, entretanto, em cada denominação a possessão é vista de forma distinta. Como na Umbanda e no Candomblé em que a possessão ocorre no momento que o indivíduo alcança o estado de êxtase, permitindo que o “cavalo seja montado por seu deus”, isto é, o indivíduo que é o cavalo recebe sua entidade, e esse ato é o esperado para essas duas religiões, sendo a possessão uma possibilidade de se comunicar e estar com suas entidades e adorá-las. Lembremo-nos do antropólogo Roger Bastide em *Sagrado e Selvagem*, onde ele ilustra sobre as religiões afro-brasileiras, explicando que o estado de transe (a possessão) é o ápice da *efervescência coletiva* (Durkheim 1979). Para eles é nesse momento que tudo se torna um só, o mundo sagrado e profano, os deuses descem e entram em comunhão com os indivíduos.

Ora, o transe dos assim ditos 'primitivos' é o contrário mesmo do desprendimento corporal, do abandono às pulsões inconscientes, da crise histórica. É um jogo litúrgico – que se aproxima mais, no fundo, da representação teatral que das grandes crises de nossos asilos psiquiátricos. Porque ele é, do começo ao fim, controlado pela sociedade; porque ele preenche uma função social, a de estabelecer entre os Deuses e os homens uma comunicação que permite a estes Deuses descer novamente à terra para o bem da comunidade; porque ele constitui, para um número muito grande de religiões, um fenômeno normal, culturalmente instituído e dirigido, como posso dizer? normal, obrigatório e sancionado. (BASTIDE, 1992: 144).

Já na IURD - Igreja Universal do Reino de Deus, principal representante do neopentecostalismo - a possessão é vista como algo negativo, assim, quando um indivíduo manifesta uma possessão, ele deve passar pelo ritual do exorcismo para se libertar dessa entidade, assim como na Igreja Católica, todavia, na IURD, os seres denominados como maléficos são distintos do catolicismo, sendo eles as mesmas entidades da Umbanda (na Umbanda essas entidades espirituais são as entidades benéficas) como: *Preto Velho, Pomba Gira, Tranca Rua*, etc.

Na IURD, elas são consideradas entidades malélicas que só querem o mal do indivíduo, fazendo-o perder a casa, a família, o dinheiro, precisando, desta maneira, que os pastores realizem um ritual de exorcismo para libertar o indivíduo desses males.

“Possessão” é, pois, o termo que expressa a crença das pessoas relativa a determinados sintomas manifestados por alguém que acredita e/ou de quem se diz ter tido o corpo invadido ou tomado por alguma entidade espiritual ou de alguma outra natureza que permita esta forma de intrusão. O comportamento dessa pessoa “possuída” pode ser descrito (numa versão um tanto “behaviorista”) como uma forma de “transe”, na qual se pode distinguir um tipo “hipercinético” (de caráter mais espetacular e agitado), diferente do que se pode chamar de transe “hipocinético”, que é mais calmo e está freqüentemente associado sobretudo ao chamado misticismo. Como diz Gerrie Ter Haar, [...]: “a questão do bem e do mal é acrescentada por teólogos e outros, que desejam defender uma ideologia particular, [...] (MAUÉS, 2003: 18-19).

Na Igreja Católica, como já citado no tópico anterior, ocorrem dois tipos de possessões, um pelo Espírito Santo e outro por demônios, sendo que o segundo devem ser expulsos por um ritual de exorcismo. Conversando com o Padre P. ele me explica que à possessão por demônios ocorrem de duas maneiras: uma e a mais comum (segundo o Padre P.) é a possessão somente da mente do indivíduo, como, por exemplo, uma pessoa muito deprimida, com ideias suicidas, pode estar sendo induzida por algum mal. Nesse caso ele não toma o corpo obrigando a pessoa a fazer o que ele quiser, o demônio apenas a induz, e se ela não estiver mentalmente preparada (aqui me refiro em não estar com os pensamentos voltados para Deus, uma pessoa que não ora, e/ou não se dedica ao sagrado) pode se deixar levar pelo demônio. Assim, nesses casos não será feito o exorcismo, mas apenas orações de libertações podem ajudar a pessoa a se livrar desse mal. E a segunda é a possessão que possui todo o corpo, nesse caso a pessoa perde totalmente o seu controle, ela permanece adormecida dentro de si, não tendo consciência de nenhum de seus atos, enquanto esse(s) mau(s) espírito(s), (nas religiões afros, a possessão ocorre de uma entidade por vez, já no catolicismo a possessão pode ocorrer por um

único demônio, ou então vários demônios podem habitar à *la fois* o corpo de uma pessoa) age por ela.

Dessa forma, vimos como essas religiões citadas acima possuem suas formas de possessões, todavia, se atentarmos para as religiões afros, veremos que a mesma entidade pode fazer papel de bem ou mal, pois, quando todo o processo dá certo, sua vinda é calma e positiva, mas, às vezes, quando no ritual algo não sai como esperado, ou não é a hora da descida da entidade, mas ela quer vir, elas descem de qualquer maneira, porém, com fúria, tendo que ser retiradas pois machucam seus “cavalos”. Já, na Igreja Católica, o bem e o mal são seres separados, onde o primeiro só é manifestado pelo Espírito Santo, e o segundo é a possessão por espíritos maléficos, que devem ser expulsos, pois o objetivo de sua manifestação nunca é positivo, o demônio só vem para tentar destruir a vida das pessoas.

O significado negativo emprestado à possessão por espírito é aparente na Bíblia. Toda vez que ela é mencionada, no Novo Testamento, invariavelmente refere-se a maus espíritos, particularmente ao diabo. A maneira adequada de lidar com tais espíritos é expulsá-los. Quando surge um bom espírito (o Espírito Santo), a Bíblia usa um vocabulário bem diferente, para enfatizar a natureza positiva da crença em tal possessão. Por exemplo, no Pentecostes, as pessoas estão “cheias” do Espírito Santo e “falam em línguas”, enquanto no caso de um espírito “mau” ou “impuro” usa-se o termo “possessão”, e as manifestações do espírito são vistas como sinais de seu comportamento inadequado [...]. (MAUÉS, 2003:19-20).

Desta maneira, vemos que a possessão não é um ato exclusivo das religiões judaico-cristãs, mas observamos, em várias religiões, o uso dessa palavra, porém, cada uma a utilizará conforme suas concepções e práticas, podendo representar o bem ou não.

2.4 Quem são os demônios da Igreja Católica

No sistema judiciário existe uma exigência legal de nome *probatio diabólica*, do latim Prova Diabólica¹², que seria uma prova muito difícil de conseguir, por isso o nome do termo, pois podemos oferecer várias provas da existência do diabo, mas não temos nenhuma da sua não existência, ou seja, para provar sua existência só é preciso encontrá-lo e mostrá-lo, mas para comprovar que ele não existe é preciso procurar em todos os lugares possíveis e impossíveis em toda terra, sendo que um indivíduo não conseguiria alcançar esse feito. Dessa maneira, poderíamos dizer que nem no Estado Jurídico poderíamos negar o diabo, imagina na religião.

Na tradição cristã, podemos observar, segundo os escritos bíblicos, que o demônio vem interferindo na vida do ser humano desde Adão e Eva (influenciou no pecado original), e conforme os homens foram se multiplicando sobre a face da terra, também se multiplicaram os demônios, muitos desses foram nomeados pelo povo judeu. O judaísmo é uma religião que surgiu de uma das tribos do povo de Israel, esse povo foi escravizado durante muito tempo pelo Faraó do Egito, mas, por misericórdia de Deus, ele mandou que Moisés os salvasse fugindo para o deserto. Assim, o profeta Moisés sendo guiado por Deus, leva esse povo para o deserto e, a partir disso, caminha durante muitos anos para encontrar a terra prometida¹³ (Canaã), todavia, em meio à caminhada, Deus ordena a Moisés que separe esse povo em doze tribos, e cada tribo recebeu sua autonomia. Seus líderes são os doze filhos de Jacó, e cada tribo recebeu o nome de seu líder, e um dos filhos de Jacó tinha por nome Judá.

Essa tribo de Judá era a mais numerosa, e, depois de quarenta anos, encontraram Canaã, no entanto, nesta região habitavam alguns grupos que não eram amigáveis. Um desses grupos é o de nome Filisteus, que são citados na Bíblia como um povo bárbaro que massacrava quem estivesse na sua

¹² Informação retirada do site da Enciclopédia Jurídica: <http://www.encyclopedia-juridica.biz14.com/pt/d/probatio-diabolica-dominii/probatio-diabolica-dominii.htm>

¹³ Sobre a história do povo de Israel e formação da tribo de Judá, ver na Bíblia Sagrada os livros de Números capítulos 13-36 e Deuteronômio capítulos 1-34.

frente. A tribo de Judá estabeleceu-se ao sul de Canaã, na região chamada Filístia (Filisteu significa povo de Filístia), tendo então confrontos direto com os filisteus.¹⁴

Os filisteus eram um povo politeísta e um de seus deuses principais era o *Baal-Zebube* (Senhor das Moscas), ele cuidava para que, nas plantações, as moscas e os insetos não atacassem, fazendo com que aqueles que o adorassem tivessem uma boa colheita. Contudo, segundo os judeus, os filisteus realizavam oferendas a esse deus para que ele destruísse sua plantação, fazendo, assim, com que os judeus o considerassem como um demônio. No primeiro testamento, ele é retratado em II Reis capítulo 1 como *Baal-Zebube*, todavia, mais tarde, numa derivação hebraica, seu nome torna-se *Belzebu*, sendo citado em Mateus capítulo 12. Assim *Belzebu*, através dos judeus, entra para a demonologia cristã, sendo hoje considerado um dos príncipes do inferno; ele aparece em um caso de possessão em 1611 na França, onde teria possuído uma freira de nome Madeleine junto com os demônios *Asmodeu* e *Ashtaroth*.¹⁵

Assim, muitos dos demônios, hoje considerados da demonologia cristã, eram tidos como deuses em alguns grupos politeístas que entraram em conflito com o povo judeu, em algum momento na história. Alguns exemplos que podemos citar seriam: *Azazel*, *Baal* (deuses dos fenícios), *Pazuzu* (era um deus assírio; esse nome pode não lhe parecer estranho, pois ficou muito conhecido com o filme *O Exorcista* de 1973). Esses demônios são de origem dos povos do norte da África com a Ásia, entretanto, mais tarde, foram incluídos na demonologia cristã, tais como os sete pecados capitais, como a luxúria e a gula, e os sentimentos negativos como o ódio (esses sete pecados e sentimentos são visto em maior recorrência nas religiões pentecostais).

¹⁴ Na Bíblia no livro de Ezequiel capítulo 25, os Filisteus são acusados de destruir Judá, enfurecendo assim o Senhor, ao ponto Dele querer destruir todos os Filisteus.

¹⁵ A freira Madeleine teria tido um caso com um padre e, quando foi descoberta, fora transferida para outro convento, começando então a ter ataques e momentos de histerias, chegando a ser exorcizada, mas sem nenhum sucesso, até que o padre com o qual ela teve relações fora acusado de fornicção e por praticar feitiçaria e magia negra, sendo então executado pela Inquisição, e, logo após sua morte, Madeleine já não manifestava nenhum dos seus sintomas, sendo considerada então curada. (DRURY, 2002: 142).

3 RITUAIS, OBJETOS SAGRADOS, SIMBOLISMOS E SUAS EFICÁCIAS

Depreendemos como em vários grupos de várias regiões do mundo e suas religiosidades existem sempre questões espirituais, tendo cada grupo seus rituais e pessoas específicas para resolver esses tipos de assunto, como os xamãs retratados por Mircea Eliade (2002), onde a origem do próprio termo xamã provavelmente deriva dos grupos religiosos siberianos, e se tornou uma palavra chave na antropologia para denominar pessoas que seriam médicos/curandeiros/feiticeiros que tratam tanto da alma como do corpo. Eliade nos elucida que o xamã é um indivíduo que consegue transpor-se para um lugar denominado *axis mundi* do latim centro do mundo (ELIADE 1992). Em várias religiões, encontramos esse centro do mundo, sendo ele considerado o ponto sobre o qual o resto do mundo surgiu, ou seja, nele o mundo superior e inferior se encontram num só, estando então em contato *à la fois* com sagrado e o profano, entretanto, não é qualquer um que consegue entrar nesse *axis mundi* e sobreviver, o indivíduo deve estar muito bem preparado fisicamente e espiritualmente, tanto que, nessas religiões siberianas, somente o xamã tem essa capacidade.

Desta maneira, como o xamã é o único capaz de entrar nesse mundo, é ele o indicado no grupo para ajudar as pessoas que estão sofrendo de doenças físicas e doenças espirituais. “[...] o xamã cumpre o papel de médico e curandeiro; formula o diagnóstico, busca a alma fugitiva do doente, que captura e obriga a juntar-se de novo ao corpo que acaba de deixar. É sempre ele quem conduz a alma do morto aos Infernos, [...]” (ELIADE, 2002: 208). Assim, o xamã é considerado em seu grupo como aquele que possui o dom, e, em cada religião, existe um tipo de indivíduo que também possui esse dom de se comunicar com o sagrado e profano.

Na religião católica, o padre é esse ser que possui o dom de comunicar-se com o *axis mundi*, é ele quem conduz os rituais de sua religião, gerenciando para que tudo ocorra como o esperado. Os principais rituais do catolicismo seriam os sete sacramentos (Sacramento: 1. Juramento. 2. [Religião católica]. Ato instituído por Deus para purificar e santificar as almas. 3.

Consagração. 4. A custódia onde está encerrada a hóstia. 5. Eucaristia. Dicionário Priberam, online, 2012), que são: o batismo; a crisma ou confirmação; a eucaristia; penitência; unção aos enfermos; matrimônio e; a ordem sacerdotal, sendo que essa última, o indivíduo recebe uma ordem tornando-se ou diácono, episcopado e/ou um exorcista.

Assim como o xamã trata tanto das doenças espirituais quanto físicas do indivíduo, sendo ele o médico e curandeiro, o padre (aqui irei me referir à denominação Renovação Carismática) também trata dos dois tipos de doenças, no entanto, quando a doença é física, o padre sempre pede que a pessoa continue a tratar-se com um médico especialista, podendo o padre somente fazer orações (mas não devemos esquecer que cada oração é considerada um pequeno ritual) de conforto para ajudar a pessoa a passar pelas dificuldades de sua doença. Todavia, quando a doença é espiritual o padre deve preparar-se melhor, pois ele irá entrar no mundo profano para libertar o indivíduo dos males, principalmente quando se trata de um caso de possessão, tendo o padre que fazer um ritual do exorcismo, sua preparação é muito mais constituída de simbolismos e fazeres que quando simplesmente ora por uma pessoa que está enferma só fisicamente.

Para um ritual de exorcismo, a preparação começa pelo próprio padre, em que ele usa uma vestimenta específica, que é o uso da batina¹⁶ ou sotaina preta, e por cima dela ornamenta-se com a estola roxa em volta do pescoço (e cada época do ano a estola é de uma cor, como, por exemplo, a branca é usada na páscoa, batismo e casamentos, ela serve para celebrar as bênçãos, a roxa é utilizada no exorcismo, mas também para a preparação de penitências, como a extrema unção e a confissão, já a verde serve para a época que o calendário litúrgico não celebra nada de especial, o que os religiosos chamam de “dias comuns”). Mas, antes de vestir qualquer coisa, o padre deve ter feito suas confissões e deve estar em plena comunhão com Deus, para que não venha ocorrer algum empecilho durante o ritual, como o demônio ficar tentando-o por algum pecado cometido e que ele não tenha

¹⁶ A batina preta significa a morte para o mundo e possui 33 botões que é da idade de Cristo e 5 abotoaduras que são as chagas de Jesus. Referência: Maria L. Correia, costureira de trajes litúrgicos, www.newadvent.org.

confessado ainda. Depois do padre se preparar, espiritualmente e fisicamente, com suas vestimentas adequadas, ele ira munir-se dos objetos sagrados que seriam: a Bíblia Sagrada; o livro *Rituale Romanum* ou Ritual Romano em português (esse livro não é uma exigência para os carismáticos), que contém as orações de exorcismo; mune-se também com água benta, com a cruz, o crucifixo, e o óleo ungido.

A água é o símbolo da purificação por si só e, quando são bentas, protegem contra os males e lavam os pecados (como no dilúvio, onde Deus teria afogado os infiéis, lavando-os dos pecados do mundo), assim, durante o ritual, o padre pergunta ao possesso se ele se arrepende de seus pecados, e lhe joga água benta, pois com o arrependimento é mais fácil a saída do demônio. Mas não é somente na tradição judaico-cristã que a água é vista como um elemento de purificação; no Hinduísmo as pessoas devem se lavar toda vez que forem entrar em um templo, pois estão entrando em um lugar sagrado e devem se purificar. Já o ritual de ablução, o termo em latim significa lavagem, não é praticado somente no Cristianismo ou Judaísmo, mas também no Islamismo, e ele é praticado depois que o indivíduo faz alguma coisa que o macule espiritualmente, como tratar um defunto ou ter relações sexuais, até mesmo a menstruação é considerada como algo impuro, assim, nesses acontecimentos, o indivíduo tem que se purificar utilizando a água.

A cruz representa a ressurreição de Cristo, durante o ritual ela serve para repelir o mal, pois o demônio odeia ver a sua imagem, porque esse símbolo o lembra da vitória de Cristo sobre o inferno, morrendo e ressuscitando no terceiro dia. Já o crucifixo tornou-se um dos grandes símbolos dos católicos, quando, após a morte de Cristo, seus seguidores, para se identificarem, usavam o crucifixo, pois até o ano de 313 d. C. os cristãos eram perseguidos e somente a partir deste ano é que o Imperador Constantino promulga liberdade à expressão religiosa, podendo cada um ter a religião que quiser. Essa promulgação teve o nome de Édito de Milão¹⁷, assim, enquanto eram

¹⁷ Sobre a promulgação Édito de Milão, ver o artigo escrito por Max Altman: Hoje na História: 313 – Constantino promulga Édito de Milão no jornal eletrônico Opera Mundi.
<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/historia/35649/Hoje+na+historia+313+%E2%80%93+constantino+promulga+edito+de+milao.shtml>.

perseguidos, os cristãos utilizavam o crucifixo para saber em quem poderiam confiar (utilizavam como uma espécie de contrassenha), ato que acabou sendo incorporado na religião católica.

Sobre o óleo ungido, temos referência de sua eficácia desde os tempos de Moisés, quando Deus o pede para juntar alguns óleos e ungir qualquer coisa para que o mal não prevalecesse. Jesus também usava o óleo para ungir os enfermos e ensinou seus discípulos a fazerem o mesmo, “E expulsavam muitos demônios, e ungiam muitos enfermos com óleo, e os curavam.” (São Marcos, 1997, cap.6, vers.13). O óleo não é somente utilizado no catolicismo, mas também muito empregado na Igreja Universal do Reino de Deus, nas igrejas Batistas, nas Igrejas Assembleias de Deus, enfim, é um elemento distinto do crucifixo, pois ele foi absorvido por mais denominações, é certo que, na *Sola Scriptura*, temos passagens sobre o uso do óleo e nenhum do crucifixo, sendo um invento *post-mortem* de Cristo, mas ele foi muito difundido na tradição judaico-cristã, todavia, quando essa religião foi formando novos ramos, somente o catolicismo decidiu continuar com o crucifixo, acabando por criarem um ritual materializado para proteção.

O rito começa com a aspersão da água benta, pela qual, recordando a purificação recebida no Batismo, se defende o atormentado contra as insídias do inimigo. A água pode ser benta antes do rito ou no próprio rito, antes da aspersão, e, se for oportuno, misturando-se o sal. Segue-se a ladainha, pela qual se invoca sobre o atormentado a misericórdia de Deus por intercessão de todos os Santos. [...] o exorcista mostra ao atormentado a cruz do Senhor, que é fonte de toda a bênção e graça, e traça o sinal da cruz sobre ele, indicando o poder de Cristo sobre o Diabo. [...]. Conclui-se o rito com um canto de ação de graças, a oração e a bênção. (RITUAL DE EXORCISMO E OUTRAS SÚPLICAS: 2008: 19-20).

Assim, depois de pegar todos esses objetos, o padre está pronto para o ritual. E, durante todo o processo, ele irá intercalar a utilização dos objetos com as orações que, não devemos esquecer, são muito importantes, pois é através das súplicas do padre que Deus mandará São Miguel Arcanjo, que é o único que vai ao inferno para devolver ao submundo o ser que estava alojado na pessoa. Por isso que a oração é importante, pois é através das palavras do

padre, e de quanto tempo ele consegue manter-se em oração demonstrando sua fé a Deus, que se consegue salvar o indivíduo.

Certos rabinos dos primeiros tempos podiam, com uma berakâ dita a propósito, transformar a água em fogo, e os grandes reis podiam, por meio de certas fórmulas, mudar os brâmanes ímpios em insetos que devoravam as cidades mudadas em formigueiros. Mesmo quando toda a eficácia parece ter desaparecido da prece que se torna pura adoração, quando todo o poder parece reservado a um deus, como na oração católica, judia ou islamita, ainda é eficaz, pois é ela que incita o deus a agir em tal ou tal direção. (MAUSS, 2009: 270).

Dessa maneira, quando tudo é utilizado para os seus devidos fins, e o padre não perde o controle do ritual, a chance da eficácia é muito grande, como Houseman (2003) elucida, que a eficácia do ritual ocorre pelo desempenho do processo, é um trabalho que deve ser bem feito do início ao fim, onde cada um deve desempenhar bem o seu papel.

Compreendo a eficácia ritual como algo referente à produção — depois e para além da performance do rito em si — de comportamentos e discursos que pressupõem as relações atuadas durante sua execução. A ocorrência desses elementos de fala ou ação pode ser tomada como uma indicação do grau de comprometimento dos participantes com a realidade das relações rituais que atuam. A ação ritual, se eficaz, afeta assim irreversivelmente a interação ordinária de modo evidente: o antes e o depois não são o mesmo. Desse ponto de vista, ritualização é um negócio sério; sua eficácia é bastante diferente da gratificação resultante do participar de ou assistir a um jogo ou um espetáculo. (HOUSEMAN, 2003: 80).

3.1 Simbolismo e ritual: dos Ndembu aos carismáticos

O antropólogo Victor Turner estudou sobre os rituais do grupo Ndembu da República Democrática do Congo, trabalhando com símbolos e seus ritos, conseqüentemente apreendermos de sua definição de ritual, pois eles podem ser distintos em cada lugar, servindo para vários propósitos e feitos de diversas maneiras, mas a ideia de ritual e símbolo que Turner adere é muito parecida com o que encontrei em campo, por isso me aproprio de Turner. “Por ‘ritual’, entendo o comportamento formal prescrito para ocasiões não devotadas à rotina tecnológica, tendo como referência a crença em seres ou poderes místicos.” (TURNER, 2005: 49). E por símbolo entendo, “[...] uma coisa encarada pelo consenso geral como tipificando ou representando ou lembrando algo através da posse de qualidades análogas ou por meio de associações em fatos ou pensamentos.” (TURNER, 2005: 49). Assim, ritual seria a manifestação de um grupo quando expressam as crenças naquilo que acreditam, e símbolos é aquilo que desfruta de qualidades outras, como a água que é um elemento da natureza que utilizamos para matar nossa sede, mas também usamos para purificação da alma, assim como a pomba branca que é somente uma ave entre as demais aves, mas no cristianismo ela representa o Espírito Santo, sendo que muitas pessoas possuem quadros de pombas brancas em casa (inclusive em minha casa), e, automaticamente, quando se olha para ela, vemos a simbologia do Espírito Santo.

Um exemplo que podemos ver com Turner (1974) sobre suas observações sobre ritos e símbolos é sobre o ritual do *Isoma*, que seria um ritual “[...] conhecidos pelo Ndembu e identificados como ‘rituais das mulheres’, ou ‘rituais de procriação’, sendo uma subclasse dos ‘rituais dos espíritos dos ancestrais, ou ‘sombras’, [...]” (TURNER, 1974: 25). Assim, esse ritual é para mulheres com dificuldades em engravidar ou que gestaram gêmeos, sendo que a causa desses dois acontecimentos ocorre por espíritos dos ancestrais dessas mulheres, que acabam por atormentá-las, prejudicando seus úteros. Por isso, esse ancestral deve ser expulso da vida da mulher como num ritual de exorcismo, pois, ainda que ele não seja considerado demoníaco, ele prejudica a mulher, podendo, até mesmo, causar sua morte.

Podemos fazer uma comparação dos dois rituais (*Isoma* e Exorcismo), pois tem por finalidade a libertação do indivíduo de um espírito que o está prejudicando. Assim, também nos dois rituais, temos uma participação efetiva de todos os envolvidos, não só dos principais personagens mas do grupo envolvente. No caso do exorcismo, os intercessores que orarem durante o ritual devem também se proteger como o padre, fazendo suas orações e confissões, e a família do possesso, quando fora do ritual, deve continuar intercedendo pelo indivíduo, para que, assim, o inimigo venha ficar cada vez mais fraco, e na próxima sessão de exorcismo ele não tenha adquirido forças. Já no ritual do *isoma*, os familiares da mulher devem seguir também várias prescrições (os tabus), principalmente alimentares, para que o ritual tenha sucesso e a mulher não venha correr perigo durante o processo. Desta forma, nos dois rituais as participações não são feitas do mesmo jeito, mas a participação dos seus familiares é muito importante para que o indivíduo não venha ficar mais fraco, deixando que o ancestral/demônio possa tomar conta da situação.

O rito tem uma fórmula a ser cumprida, assim nada deve ficar de fora, e os rituais não saem desse protocolo, eles seguem todos os passos, “[...] o rito proporciona um quadro. O facto de acontecer num tempo e num lugar pré-estabelecidos desperta em nós uma espécie de atenção particular, tal com a fórmula corrente <<era uma vez...>> Cria um estado de receptividade às histórias fantásticas.” (DOUGLAS, 1976: 80). Caso esses rituais não sigam seus protocolos, eles correm o risco de não funcionar, por exemplo, se a família da mulher do ritual do *isoma* não restringir a alimentação, eles estarão colocando a vida dessa mulher em risco, assim como, se no ritual do exorcismo, os personagens não cumprirem seus papéis, como seus familiares não continuarem intercedendo, e o próprio padre não fazer as orações certas para a ocasião ou deixar de utilizar algum objeto próprio do ritual, a perda de sua eficácia é grande.

Todavia, não devemos esquecer de que estes dois rituais são completamente diferentes, em sociedades diferentes, em contextos diferentes, mas os comparamos, pois sua finalidade seria a de libertar o indivíduo do mal que esteja lhe provocando, e mostrar que os rituais seguem padrões semelhantes,

porém, utilizo o próprio Turner quando ele diz que os rituais devem ser interpretados em contexto, suas características e símbolos devem ser vistos como algo consensual. “A estrutura e as propriedades de um símbolo são as de uma identidade dinâmica, ao menos dentro de seu contexto de ação apropriado.” (TURNER, 2005: 50). Assim, não estou tentando dizer que em qualquer sociedade existe um mal que deve ser exorcizado, mas, sim, apenas utilizo o ritual do *isoma* para compreendermos que os rituais podem ser totalmente distintos e, contudo, seguirem regras e normas que fazem parte da estrutura daquilo que denominamos de ritual.

3.2 Como ocorre a eficácia de um ritual

Para compreendermos um pouco mais sobre o funcionamento das eficácias simbólicas no ritual do exorcismo, devemos nos apreender das palavras do antropólogo Claude Lévi-Strauss que trata sobre a eficácia da magia:

[...] a eficácia da magia implica a crença na magia, que se apresenta sob três aspectos complementares: primeiro, a crença do feiticeiro na eficácia de suas técnicas; depois, a do doente de que ele trata ou da vítima que ele persegue, no poder do próprio feiticeiro; e, finalmente, a confiança e as exigências da opinião coletiva, [...]. (LÉVI-STRAUSS, 1949: 182).

Esse antropólogo fala de magia¹⁸, mas a ideia continua a mesma se trocarmos o termo magia por ritual de exorcismo, pois, para a eficácia no processo do esconjuro, o oficiante tem que crer em seus símbolos e atos, o indivíduo possesso deve acreditar no padre, e as pessoas que estão à volta devem acreditar que aquele ritual irá cumprir sua função, assim como o próprio indivíduo possesso deve crer que está possesso. Podemos ver mais claramente essa ideia da eficácia de Lévi-Strauss com a antropóloga Mary Douglas em *Pureza e Perigo*, onde ela cita que, em *O Feiticeiro e sua Magia*, Lévi-Strauss elucida sobre como o canto do xamã manifesta-se sobre a paciente. O xamã consegue que o ritual torne-se eficaz mesmo sem tocar na

¹⁸ Francisco S. Silva, escreve um artigo muito interessante sobre quem disse que há distinção entre magia e religião. “[...] até aos dias de hoje, nunca se chegou a uma demarcação intelectualmente satisfatória entre religião e magia, a maior parte destas demarcações, derivando de preconceito pela parte daqueles que se viam como bastiões da religião versus aquilo que viam como “superstição” ou “pactos demoníacos”, numa fase inicial e no período colonial pela parte dos poderes coloniais, face às práticas religiosas que lhes pareciam “irracionais” ou simplesmente erradas nos povos colonizados. Parece, então, que a distinção entre magia e religião é uma questão mais ligada à perspectiva de quem atribui estas etiquetas a diferentes práticas relacionadas com o mundo metafísico ou sobrenatural do que a qualquer factor intrínseco das práticas em si. Por exemplo, na perspectiva cristã, desenhar um círculo no chão e queimar incenso, de forma a contactar com anjos ou deus é uma prática mágica, enquanto ajoelhar, juntar as mãos e rezar para o mesmo fim é uma prática religiosa. No mesmo princípio, a transmutação do chumbo em ouro é magia, enquanto que a transmutação de pão e vinho em carne e sangue é religião. Este último exemplo levou, de facto, durante a reforma protestante, a acusações pela parte de alguns protestantes de práticas mágicas pela Igreja Católica. Como mencionado em cima, é uma questão de perspectiva.” (SILVA, 2010: 2-3).

paciente, pois a crença nesse xamã é tão forte pelo grupo que ninguém dúvida de si ou de suas técnicas, assim, seu simples canto torna-se seu instrumento principal, sendo então aguardado para a eficácia do ritual. Caso ele não cante, o ritual perderá sua eficiência, pois ele não terá sido realizado como o esperado.

Lévi- Strauss (1949 e 1958) analisa uma canção xamã dos Cunas, que é cantada para aliviar um parto difícil. O médico não toca na paciente. O encantamento deve extrair seu efeito meramente do recital. A canção começa descrevendo as dificuldades da parteira e seus apelos ao xamã. [...] Em certo sentido, o corpo e os órgãos internos da paciente são o teatro da ação na estória, mas pela transformação do problema numa jornada perigosa e numa batalha com poderes cósmicos, [...]. (DOUGLAS, 1976: 90-91).¹⁹

No caso do exorcismo, o possesso acreditando que está endemoniado, o padre, tendo certeza de sua infalibilidade como regente desse ritual, não precisará tocar o possesso todo o tempo para que vejam o manifestar do demônio, o simples fato da oração (em Lévi-Strauss é o cântico) contra as forças do mal faz com esse demônio se manifeste e o possesso sinta a cura dentro de si, pois as orações falam exatamente de libertação do corpo e da alma do indivíduo, ou seja, o possesso ouve aquilo que precisa e que ele já está esperando desse ritual, e o padre faz tudo aquilo que o ritual lhe pede, alcançando o êxito no final, e isso tudo ocorre porque existe a crença.

A cura consistiria então em tornar pensável uma situação emocional, e em fazer a mente aceitar as dores que o corpo recusa suportar. Não importa que a mitologia do xamã não corresponda a uma realidade objectiva: a paciente crê que sim e ela é membro duma sociedade que assim crê. Os espíritos protectores e os espíritos malevolentes, os monstros sobrenaturais e os animais mágicos fazem

¹⁹ Claude Lévi-Strauss (2002) analisa o caso dos Cuna que vivem no território do Panamá, e, segundo ele, essa narrativa é sobre uma mulher que irá dar a luz, mas a parteira está tendo dificuldades com o parto, tendo assim que chamar o xamã, e este quando chega percebe que a mulher está com dificuldades de parir, pois *Muu* que é uma força responsável pela formação do feto, (tanto que *Muu* mora dentro do útero), excedeu seus serviços e acabou por tomar a *purba* (a alma da grávida), tendo o xamã que salvar essa alma perdida, sendo por causa desse *Muu* que a mulher está sofrendo tanto para dar a luz. Com tal característica, esse processo mostra como a alma e corpo estão ligados.

parte de um sistema coerente que constitui a base da concepção indígena do universo. A paciente aceita-os, ou mais exactamente, nunca os pôs em dúvida. O que ela não aceita são as dores incoerentes e arbitrarias que se intrometem no seu sistema e que, apelando ao mito, o xamã vai repor num universo onde tudo se harmoniza. A paciente, tendo compreendido, não faz mais do que resignar-se: melhorando.” (DOUGLAS, 1976: 91).

Para que tudo de certo é preciso então que tudo ocorra conforme a fórmula do ritual, como no caso de um ritual do exorcismo, uma das coisas esperadas é que o padre abençoe o possesso com água benta. Podemos ver um exemplo disso em um relato do Padre Fortea, onde ele comenta que: em um dia frio, estava preste a realizar um exorcismo, quando foi à procura de água para benzer a possessa, mas não encontrou nada, o encanamento estava congelado, e, procurando na geladeira, encontrou somente uma limonada, todavia, pensou que limonada também era feita com água, então deveria resolver. Mas, quando iniciou o ritual, percebeu que nada acontecera como o esperado, sendo que, normalmente, quando utiliza a água benta, o possesso logo se manifesta repudiando aquele gesto, mas isso não ocorreu, assim, Fortea ficou intrigado e resolveu perguntar ao próprio demônio porque ele não estava sentindo nada, e esse respondeu dizendo que a água serve para limpar, é ela o símbolo da purificação, e não a limonada, por isso não lhe causava efeito algum.

Ese día era muy frío, en incluso al medio día la cañerías seguían congeladas y no había agua. [...]. Así que me propuse ir a la casa más próxima del vecindario a por agua. Pero antes de salir me topé con una botella de limonada. Pensé, la limonada esencialmente es agua, ¿tendría el mismo efecto que si bendijera sólo agua? ¿Por qué no? [...]. La sesión comenzó pro pronto ví que aquel líquido bendito aunque al demonio le producía alguna molestia, no le atormentaba tanto como el agua. Le pregunté el por qué de aquello. Al principio se resistió, después dijo entrecortadamente, obligado por la oración, que el agua es símbolo de limpieza... pureza... claridade. Comprendí entonces que al demonio le atormentan de un modo especial las objetos materiales bendecidos que le recuerdan cosas espirituales. La Iglesia ha bendecido cosas como el aceite, la sal, el pan, el agua,

el incienso... La tradición de la Iglesia há hecho uso especialmente de unas cosas benditas y no de otras. (FORTEA, 2004: 221).

Esse exemplo nos mostra que em cada religião existem certos objetos que são escolhidos para se tornarem sagrados, assim, mesmo quando outros são abençoados, eles não possuem a força que aqueles têm, quando ele diz que “las objetos materiales bendecidos que le recuerdan cosas espirituales”, ele se refere ao tempo durante a história do cristianismo em que a Igreja, através de escolhas arbitrárias ou não, tem destinado a certos objetos uma aventura sacra, e esses objetos, para quem segue essa religião, já são tão conhecido, que a sensação é de que eles já existiam desde o mito da origem, ou seja, sempre foram sagrados, por isso não se deve discutir sua validade, diferente da limonada, por exemplo, em que não há nada que comprove sua validade como sagrado, sendo que ela não foi escolhida para esse fim, mas apenas para refrescar. “A água é classificada pelos especialistas em ritual na categoria dos símbolos ‘brancos’. Como tal, tem os significados genéricos de ‘bondade’, ‘pureza’, ‘sorte’ e ‘vigor’, de que participa juntamente como outros símbolos desta classe”. (TURNER, 1974: 86).²⁰

Citemos agora um caso de eficácia elucidada por um sociólogo em que, podemos perceber como no relato de Fortea, a quebra do protocolo leva a invalidez da eficácia. Pierre Bourdieu, em *Economias das Trocas Linguísticas*, fala de um caso onde um padre é chamado para dar a extrema unção, no entanto, ele quebra o protocolo perdendo a eficácia do ritual:

Ele chegou, sem a comunhão e, após a extrema-unção, lhe deu um beijo. Se eu peço um padre nos meus últimos momentos, não é para que ele me beije, mas para que me traga a provisão de viagem para a eternidade. [...] a abdicação de quaisquer atributos simbólicos do magistério, a batina, o latim, os lugares e os objetos consagrados, manifesta a quebra do antigo contrato de delegação que unia o padre aos fiéis por intermédio da Igreja.” (BOURDIEU, 1996: 93).

²⁰ Essa passagem de Turner se refere ao ritual dos Ndembu, que tratam a água como fonte de pureza, mas essa passagem também pode ser utilizada no contexto ao qual foi empregado no texto acima, e, assim também, podemos ver que a água não é somente um valor de pureza em nossa sociedade, mas acaba sendo um conceito que, se não universal quase o é.

Quando se tem uma extrema unção, o objetivo é que o padre lhe dê a última comunhão para purificar sua alma, e que o padre ore para que sua alma siga a *sagra viático*, todavia, o padre já começa não levando a comunhão, e ele ainda lhe beija como um gesto de compaixão; o enfermo não quer compaixão, ele sabe que está morrendo, ele quer que o padre lhe ajude abrindo o caminho dos céus para que este possa morrer e alcançar o paraíso celeste. Dessa maneira, vemos que o padre não utiliza os objetos que estão na fórmula da extrema unção e faz gestos não permitidos no ritual. Um simples ato que se comete (uso da limonada e o beijo do padre) ou deixa de cometer (não traz a comunhão) pode fazer com que o ritual perca completamente sua eficácia, por mais que o padre esteja acostumado com o ritual, por anos de prática, pôde ter pensado que um simples beijo não traria mal algum, porém, não era isso que o enfermo estava esperando, ele esperava uma extrema unção tradicional, o padre quebrou o “contrato”, fazendo, assim, com que a eficácia do ritual se tornasse dúvida.

4 EXORCIZO TE – CASOS DE EXORCISMOS NA HISTÓRIA

A história do exorcismo, como já citado na introdução deste trabalho, possui muitas lacunas, mas temos alguns casos que tiveram muita repercussão.

Começamos pelo caso mais difícil do padre Fortea (2004), que ficou famoso por ter sido filmado e postado em um portal de vídeos²¹, mostrando que, na atualidade, ainda se pratica esse ritual. Assim, o padre nos conta sobre uma jovem que fora internada em um hospital psiquiátrico e que, durante muito tempo, ninguém conseguira descobrir o que lhe atormentava. Até que, depois de três anos de sofrimento, a mãe da jovem encontra o padre Fortea, começando então as sessões de exorcismos.

Así aquel sábado 2 de marzo de 2002, dieron comienzo las oraciones por aquella chica. Oraciones que pensaba que se prolongarían en todo caso dos o tres días más. Iluso de mí, no sabía lo que aquella chica tenía dentro, no sabía los planes que tenía Dios, para aquel caso. [...] Cuando le pregunté en latín a aquel demonio cómo había entrado se resistió a responder. **Pero insistí en la orden en el nombre de Jesús.** Aquel demonio no quería hablar, pero el nombre de Jesús le obligaba. En ese nombre santísimo hay un poder que fuerza a los demonios a responder. (FORTEA, 2004: 201, grifo meu).

O padre, a partir do momento que toma sua veste, adquire autoridade, todavia, essa autoridade pode tornar-se mais poderosa quando ele cita quem lhe deu esse poder (no caso Jesus), assim, não terá como não reconhecê-lo como autoridade. O sociólogo Pierre Bourdieu nos esclarece, quando comenta acerca do poder do discurso, que, às vezes, mesmo sem que os ouvintes consigam entender o discurso, quem o profere é dotado de tal autoridade que ninguém irá contradizê-lo, na verdade ele será respeitado.

“A especificidade do discurso de autoridade (curso, sermão etc.) reside no fato de que não basta que ele seja compreendido (em alguns casos, ele pode inclusive não ser compreendido sem perder seu poder), é preciso que ele seja reconhecido enquanto tal para que possa exercer seu efeito próprio.” (BOURDIEU, 1996: 91).

²¹ O vídeo se encontra disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LomJqCO2I3g>.

José Fortea descreve em longas páginas sua luta contra os demônios, sendo que, toda vez que expulsava um demônio, outro aparecia. A garota fora possuída por demônios que nem nomes se conheciam, todavia, no fim de seu relato, ele escreve que, “El caso se interrumpe aquí porque todavía no há alcanzado su resolución.” (FORTEA, 2004: 287). Fortea termina seu livro antes de libertá-la, mas em entrevista posteriores ele conta que esse caso durou mais ou menos sete anos, onde ocorria, normalmente, um ritual semanal.

Outro caso que podemos citar foi uns dos mais famosos da história do exorcismo, pois o filme *O Exorcista* do diretor William Friedkin baseia-se nele. A história ocorre, em 1949, com um garoto luterano de nome Robbie, que estava prestes há completar 14 anos quando sua tia Harriet faleceu. Antes de sua morte, ela e o garoto brincaram com uma tábua *ouija*, que se usa para conversar com espíritos. Logo após sua morte, na casa onde o garoto morava, começaram a aparecer barulhos estranhos, e eles sempre vinham de onde Robbie se encontrava. Cada vez mais, esses barulhos pioravam e sua família resolveu comentar o ocorrido com outras pessoas, em busca de descobrir as causas. Assim, foi-lhes sugerido um padre, pois poderia ser um caso de *Poltergeist* (ALLEN, 1994). A palavra *Poltergeist* vem do alemão *Poltern* (Fazedor de Barulho/barulhento) e *Geist* (Espírito), esse termo é utilizado para denominar um fenômeno ao qual temos a presença de “um fantasma; espírito que anuncia a sua presença através de barulhos e que causa outros distúrbios.” (Dicionário dictionary.com, online, 2014).

O primeiro padre que cuidou de Robbie constatou que ele estava possesso, mesmo que os acontecimentos sobrenaturais estivessem ocorrendo em volta dele e não sobre ele. Ioan M. Lewis elucida que, em muitas culturas, a possessão é um dos diagnósticos para confirmar doenças físicas ou sobrenaturais, todavia, no catolicismo, a possessão pode ser confirmada antes mesmo de a pessoa entrar em transe, assim como no caso de Robbie em que o padre, sendo o indivíduo dessa religião preparado para analisar esses casos, consegue observar se a pessoa encontra-se em estado de possessão somente conversando, sem que a pessoa manifeste nenhum sintoma de que está possuído, sendo então a possessão presente no ritual em si, através das orações.

[...] em muitas culturas onde a possessão por espírito é a interpretação única ou principal do transe, a possessão pode ser diagnosticada muito antes do verdadeiro estado de transe ser atingido. [...] Regulamente, na verdade, somente no real tratamento da possessão, seja por exorcismo, seja por outro procedimento que vise uma acomodação viável entre a vítima e a entidade possuidora, é que se induz o transe em seu sentido próprio. Conforme notou T. K. Oesterreich, grande estudioso alemão [...], a respeito dos tratamentos medievais, freqüentemente era apenas no ápice do exorcismo clerical que a “possessão” (i. é. transe) ocorria no sentido clínico real. (LEWIS, 1977: 51-52).

O primeiro padre que realizou o ritual de exorcismo com o garoto não suportou os ataques do demônio, sendo preciso que um segundo padre assumisse e, assim, conseguir libertá-lo. (ALLEN, 1994).

O último exemplo de casos que observaremos aqui é o de Anneliese Michel, mas conhecida como Emily Rose por causa das obras cinematográficas. Anneliese, uma alemã nascida em 1952, de uma família de ensinamentos católicos rígidos, começou, em 1974, a ter crises e distúrbios mentais que, segundo a psiquiatria da época, eram sintomas de epilepsia e esquizofrenia. Como não houve melhoras com os remédios, seus pais decidiram chamar padres exorcistas. Assim, foram feitas sessenta e sete sessões de exorcismos e, em 1976, depois da própria Anneliese prever que sua libertação estaria chegando, ela veio a falecer depois de um último ritual.

Figura 1 – Cenas do exorcismo de Anneliese Michel



Fonte: <http://www.assombrado.com.br/2013/09/anneliese-michel-o-caso-que-inspirou-o.html>

Esse caso sofreu várias repercussões, pois os dois padres que fizeram o exorcismo e os pais da garota foram condenados à prisão, sendo acusados de interromperem o tratamento médico dela, deixando-a mais debilitada com suas práticas religioso-supersticiosas.²³ Em uma das conversas que tive com o padre P., perguntei por que hoje em dia o exorcismo, principalmente na Igreja, não é muito comentado, e ele me respondeu dizendo que por causa da morte de Anneliese Michel e os padres terem sido juridicamente acusados de sua morte devido ao exorcismos, assim, a partir da década de 80, os casos passaram a ser mais fechados e feitos realmente em ocasiões extremas.

Enfim, analisando esses casos, podemos perceber que o mito é o mesmo (possessão através de um espírito do mal), mas ele pode ocorrer de diversas formas, em épocas distintas, tendo causas variáveis, mas a estrutura do rito/mito continua a mesma, seu simbolismo é o mesmo, ou seja, o exorcismo serve para livrar aquela pessoa do mal que lhe aflige. “O mito, quer seja recriado pelo sujeito, quer seja tomado da tradição, só tira de suas fontes, individual ou coletiva, o material de imagens com que opera. A estrutura permanece a mesma, e é por ela que a função simbólica se realiza.” (LÉVI-STRAUSS, 2012: 290).

[...] umas das singularidades das actuações do diabo é a possessão, isto é, a união do espírito diabólico com uma mente humana: esta é a sua maneira mais horrenda de capturar as almas e de lhes mostrar o seu poder; em tais casos os exorcismos são a arma de contra-ataque da Igreja; como a natureza humana foi inquinada pelo pecado original, tem uma forte propensão para o mal e é presa fácil da sedução diabólica, é necessária uma constante vigilância na luta contra o atormentador; contudo, a condenação nunca é trabalho somente do diabo, implica a colaboração do livre arbítrio humano; todos são responsáveis e todos são autores da sua própria queda, embora a salvação implique a cooperação positiva da graça divina. (MYTHOS/LOGOS SAGRADO/PROFANO, 1987: 248).

²³ Fontes retiradas do livro da antropóloga Felicitas D. Goodman que estuda sobre este caso buscando uma visão religiosa de suas crises e não médica.

4.1 Exorcizo te – casos de exorcismo na atualidade

Minha pesquisa etnográfica, como já citado na introdução, aconteceu na Comunidade Nosso Senhor dos Passos e Nossa Senhora Desatadora dos Nós, no bairro Eldorado em Contagem, onde fui guiada pelo padre P. a conhecer o mundo do ritual do exorcismo na prática.

Pois bem, o padre P. nasceu em Alagoas (Major Isidoro) e desde seus quinze anos queria ser padre, então, quando completou seus dezoito anos, entrou no seminário, seguindo assim, uma vida rígida, sempre seguindo os ensinamentos de Deus. “Antes de tudo, a vida religiosa supõe a produção de forças *sui generis*, as quais elevam o indivíduo acima dele mesmo, que o transportam a um outro meio que não aquele no qual se esgota sua existência profana e que o fazem viver uma vida muito diferente, mais elevada e mais intensa.” (DURKHEIM, 2012: 27).

Entretanto, em sua cidade só havia a ordenação franciscana, assim, nesta época, ele não praticava o ritual do exorcismo; mais tarde, vindo para o sudeste do país e conhecendo o padre Marcelo Rossi, resolveu aderir a Renovação Carismática, e, segundo ele, quando se entra na carismática, a pessoa que possui o dom o manifesta (ele me disse que, desde a época em que era franciscano, já tinha visões, mas não podia desenvolvê-las, pois isso não faz parte das ordenações franciscanas), pois “Os pentecostais católicos acreditam que o poder de curar provém de ‘dons espirituais’ (‘carisma’ em termos teológicos) outorgados por Deus.” (CSORDAS, 2008: 72). Ou seja, os carismáticos tem a liberdade de expressarem seus dons que seriam de cura, libertação, falar em línguas, etc.

Dessa forma, P. tornou-se um homem dedicado à vida espiritual, tendo mais tarde aberto uma comunidade que ele denomina de *fraternidade independente*, aos quais todos os seus membros têm certeza e confiança nos seus dons. “Estes não são poetas quaisquer, mas sacerdotes, profetas, videntes, isto é, homens que a comunidade crê estarem em relações com os deuses. Quando falam, são os deuses que falam por suas bocas. Não são simples indivíduos, eles mesmos são forças sociais.” (MAUSS, 2009: 250).

Figura 2 – Imagem do altar da Comunidade Nosso Senhor dos Passos e Nossa Senhora Desatadora dos Nós



Foto: Talita Oliveira

Em uma de minhas conversas com o padre P., eu o indaguei sobre a forma que ele pratica o ritual, não sendo a forma tradicional que normalmente nós leigos acreditamos que funciona (noções através de filmes), ele me respondeu, então, que faz uma oração de cura e libertação toda quarta-feira, antes do fim da missa, e que, quando aparece um caso extremo, há um encontro em particular em que ocorre, de fato, o ritual dito de exorcismo. Essa oração, que se realiza toda quarta-feira, segue também todo um protocolo seguindo um *procedimento*, *processo* e *conclusão*, (esses três passos serão abordados por Csordas mais adiante), pois, mesmo não sendo o ritual do exorcismo, não deixa de ser um ritual, sendo assim, é dotado de simbolismos e práticas que devem ser seguidos para que funcione. O ritual inicia-se ao acender uma vela em formato de cruz, que é vendida somente em sua igreja pelo valor de três reais, e, caso a pessoa não utilize a vela no ritual, sua eficácia se tornará duvidosa, pois, de acordo com o padre, não se estaria fazendo o ritual por completo. Nesta questão, podemos pensar sobre manipulação da eficácia, como nos diz Pierre Bourdieu (1996), pois como o padre é revestido de poder, tendo autoridade sobre os membros da igreja, ele pode criar um monopólio sobre o que usar no ritual, ele não pode deixar de utilizar os objetos fixos já estabelecidos pela Igreja no geral, como o uso de

batina, do crucifixo, etc., mas, como ele é a autoridade presente, ele pode apresentar novos objetos como sendo partes definitivas do ritual, e como as pessoas seguem seu discurso, elas acabam por obedecê-lo sem questionamentos.

O simbolismo ritual não age por si só, mas apenas na medida em que representa – no sentido teatral do termo - a delegação: o cumprimento rigoroso do código da liturgia uniforme que rege os gestos e as palavras sacramentais constitui, ao mesmo tempo, a manifestação e a contrapartida do contrato de delegação que torna o padre detentor do '**monopólio da manipulação dos bens de salvação**'; ao contrário, a abdicação de quaisquer atributos simbólicos do magistério, a batina, o latim, os lugares e os objetos consagrados, manifesta a quebra do antigo contrato de delegação que unia o padre aos fiéis por intermédio da Igreja. (BOURDIEU, 1996: 93, grifo meu).

Figura 3 – Vela em formato de cruz



Foto: Talita Oliveira

Depois de acesa a vela, todos recebem um panfleto que possui a oração de São Miguel Arcanjo. No próprio panfleto há as instruções de como se deve fazer a oração e, durante toda a oração, um dos intercessores passa

pela igreja com o *turíbulo incensário*, que é um objeto de metal que possui, em sua maioria, formato de coração e dentro se deposita incenso, ele então é aceso e passado por toda a igreja, criando fumaças em todos os cantos, essa fumaça, para a religião católica, é vista como purificadora, pois serve para levar as orações dos fiéis até os céus.

Figura 4 – Folheto para o ritual de cura e libertação (exorcismo) feito em comunhão

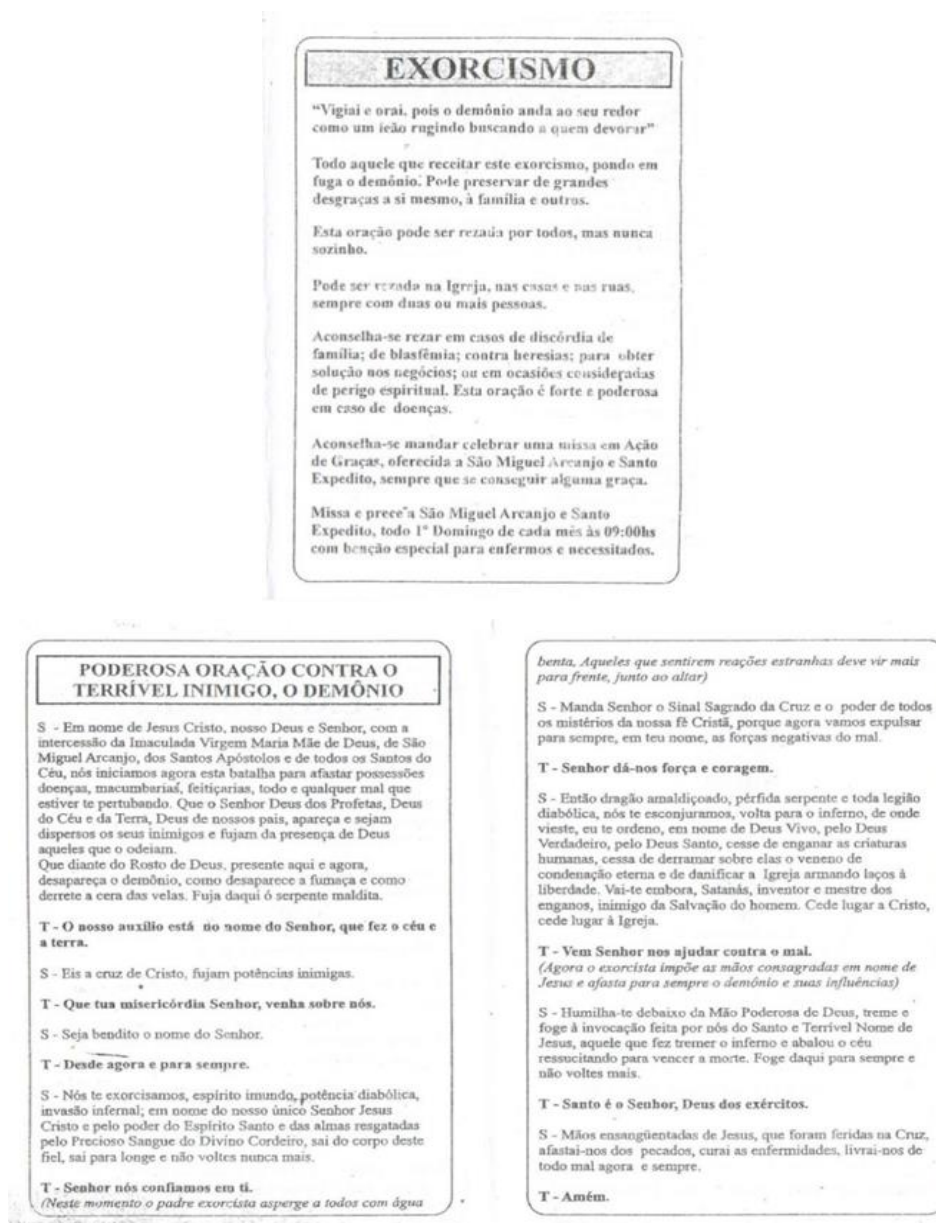


Foto: Talita Oliveira

Assim, depois da oração, as pessoas depositam as velas no veleiro, sendo que o mal que habitava a pessoa fora transferido para a vela. Em uma de nossas conversas, o padre me contou que a vela em cruz é muito importante, pois ela simboliza Cristo e acaba levando o mal para ela. Assim, esse ritual passa por todos os processos que fazem parte de um ritual de cura e libertação para a carismática, começando pelos objetos usados, em que se deve ter consciência de seus poderes e significações simbólicas, segundo, no momento da oração, as pessoas elevam seus pensamentos ao sagrado, surgindo emoções diversas em cada um, e, em terceiro e último, quando o ritual termina, quem tiver afirmação de sua cura deposita a vela no veleiro. Para os que não tiverem a afirmação, o padre faz uma oração separada até a pessoa sentir-se melhor, chegando todos a eficácia. Thomas Csordas nos fala desses passos mais detalhadamente.

Um primeiro passos é ter bem claro qual dos três aspectos, implícitos na maioria das discursões da prática de cura, é o foco da análise. O primeiro é o *procedimento*, ou quem faz o que a quem em relação aos medicamentos administrados, orações recitadas, objetos manipulados estados alterados de consciência induzidos ou evocados. O segundo aspecto da prática de cura é o que podemos chamar de *processo*, referindo à natureza da experiência de participantes em relação aos encontros com o sagrado, episódios de *insight* ou mudanças de pensamento, emoção, atitude, significado, comportamento. O terceiro é a conclusão, ou a disposição final dos participantes tanto em relação ao seu nível declarado de satisfação com a cura quanto à mudança (positiva ou negativa) de sintomas, patologia ou funcionamento. (CSORDAS, 2008: 31).

Figura 5 – Veleiro



Foto: Talita Oliveira

Sendo assim, tive a oportunidade de participar das sessões de cura e libertação que ocorrem todas as quartas-feiras, mas também pude assistir ao próprio ritual do exorcismo, e consegui relatos de pessoas que foram curadas a partir do ritual. Portanto, o relato do primeiro caso que pude assistir:

J. é um rapaz de vinte e quatro anos de idade e desde seus treze anos sofre com distúrbios que o fez se afastar da sociedade, sua mãe N., desde então, vem procurando tratamentos que possam o ajudar.²⁴ Ele já passou por alguns hospitais psiquiátricos, como o Galba Veloso e André Luís, sendo que, no segundo, teve um psiquiatra que lhe recomendou um padre exorcista, afirmando que a doença de seu filho seria espiritual e não mental.

No primeiro encontro, o padre teve uma breve conversa com o jovem, onde perguntou mais como ele se sentia e o que estaria lhe perturbando. Depois da breve conversa (essa conversa ocorreu no mês de janeiro deste ano), o padre pediu para que o jovem comparecesse em sete missas de

²⁴ Este caso não apareceu para o padre P. sozinho, na universidade conheci um rapaz que hoje dia é um grande amigo e, em uma de nossas conversas, havia lhe contado sobre minha pesquisa com um padre exorcista, e que estava difícil participar de um ritual propriamente dito, entretanto, depois de três semanas dessa nossa conversa, ele fala com N. que já conhecia há mais de um ano, mas que nunca tiveram uma conversa de fato, e descobre que ela estava à procura de um exorcista, assim fomos devidamente apresentadas, eu acabei por levá-la à Igreja. O padre confirmou, então, que seria sim um caso de possessão, praticando o ritual sobre o jovem.

quartas-feiras e no final ele faria as orações em reservado com o J. Todavia, por problemas pessoais, N. não conseguiu levar novamente J. na igreja até o mês de agosto, sendo que dessa vez, como eles demoraram muito, segundo o padre, o demônio ficara mais forte, pois como o jovem já havia tido um primeiro contato com o ritual o inimigo começou a se preparar para os novos combates espirituais, sendo preciso então, que o jovem fortalecesse os laços com Deus.

Assim, nesta segunda visita, o padre de fato realizou o ritual do exorcismo. Ele vestiu a batina preta e a estola roxa, pediu licença a mim (eu havia chegado antes de N. e J. na igreja) para orar em reservado, e, logo após a sua oração, ficamos os dois esperando por mãe e filho, que demoraram mais de uma hora para chegarem. Após a chegada dos dois, o padre dessa vez aprofundou a entrevista com o jovem, sendo que, essa entrevista já é parte do ritual de exorcismo, pois o padre precisa saber com o que (espírito do mal) está lidando.

O exorcista deve tentar interrogar o demônio, explica Amorth. Vai ordenar que diga seu nome, mas o espírito do mal muitas vezes tem dificuldades de fazer isso. O exorcista faz uma serie de perguntas que são 'úteis para a libertação' e nunca por simples curiosidade: Qual o seu nome? Quando você entrou nessa pessoa? Sob que circunstancias? Quando você a deixará, por ordem de Jesus Cristo? (WILKINSON, 2008: 45).

Assim, durante a entrevista para descobrir quem seria o mal que estava assombrando J., o rapaz, de repente, fala para o padre que estaria ouvindo vozes de Oxóssi para fazer as coisas erradas, como bater em seus pais, ou tentar suicídio (J. já tentou suicídio uma vez), etc. "Na verdade é o demônio que supostamente se identifica pela boca do suplicante, em um tipo de profecia invertida (tome como comparação o relato bíblico do encontro de Jesus com o demônio que declara 'eu sou Legião')." (CSORDAS, 2008: 67).

Interrompemos aqui esse relato para conhecermos Oxóssi que, segundo o antropólogo Vagner Gonçalves da Silva, seria o orixá da mata.

Caçador, retira dela seu sustento e o de sua tribo. Na África era cultuado pelas famílias reais da cidade de Keto, da qual fora rei. No Brasil tornou-se padroeiro dessa nação e uma das divindades mais populares do candomblé. Em alguns mitos, Oxóssi e Ogum aparecem

como irmãos, lembrando que também era função dos caçadores combaterem os inimigos. [...] Em Pernambuco, **o deus africano da caça é visto como São Miguel, o anjo 'caçador de demônios', que os vence com uma espada.** (SILVA, 2005: 74-72, grifo meu).

Interessante analisarmos a comparação de São Miguel Arcanjo com Oxóssi, pois os dois possuem as mesmas funções, que é a de caçar os inimigos/demônios. Paramos para pensar, aqui, numa visão católica, pois se ele é considerado como um demônio por essa religião, isso seria uma afronta direta a São Miguel Arcanjo, sendo que, em uma visão geral, eles seriam equivalentes, mas numa visão católica seriam opostos, dessa forma, um seria o caçador do outro.

Outra observação, como mostrado na parte *Quem são os demônios da Igreja Católica*, a Igreja em si continua a seguir essa demonologia, mas a classifica seguindo a tradição judaica, todavia, a carismática não se restringe a somente esse tipo de demônios, os sentimentos ruins podem tornar-se demônios, os sete pecados sempre ocorrem em casos de possessão, e como essa Igreja é uma denominação pentecostal, ele não deixa de considerar as entidades consideradas pela Igreja Universal como demônios também, por isso, não é estranho Oxóssi se manifestar, num ritual carismático.

E uma última observação, é interessante como J. de repente professa o nome Oxóssi em meio a conversa, e de imediato quando declara isso algumas perguntas me vieram a mente, como por exemplo, será que ele ouviu em algum lugar que esse nome significava uma coisa negativa, e acabou fazendo associações? Quando tivemos a nossa primeira conversa (em janeiro deste ano) ele mesmo me havia dito que procurava coisas na internet sobre candomblé, algumas orações para tirar o mal dentro de si, mas sua mãe lhe dizia que ele não poderia se envolver no candomblé porque ele ficaria pior. Talvez, ele nem saiba quem é ou o que faz a entidade Oxóssi, ficando com esse nome na cabeça em algum momento, mas, o fato de justamente Oxóssi ser o equivalente de São Miguel Arcanjo. Como antropóloga não posso dizer que é coincidência ou não, isso não me cabe, e temos tantos relatos na antropologia de grandes cientistas sociais e antropólogos que já passaram por situações que não puderam explicar certos acontecimentos do mundo

simbólico e religioso, que eu não serei a desvendar alguma verdade, tanto que acredito que não existem verdades, se J. disse que está com Oxóssi, como observadora devo relatar isso ao meu leitor, e como uma simples curiosa do ritual do exorcismo não encontrei fatos que me fizesse negar ou afirmar também.

Agora, voltamos ao relato. Agora que o padre já sabe o nome do inimigo, pode fazer a oração do exorcismo, e, assim, ele levanta e põe as mãos sobre J., sendo esse gesto o ato de autoridade, ele está mostrando a entidade que habita o jovem que existe um poder maior do que ele, e esse poder irá manda-lo de volta de onde veio. “[...] as mãos sejam postas sobre alguém é de Submissão à Autoridade divina e também de recepção do Poder divino. No gesto de imposição de mãos, o suplicante é colocado, e coloca-se, nas mãos do Senhor.” (CSORDAS, 2008: 60). Colocando as mãos, ele começa sua prece, todavia, diferente dos rituais que estamos acostumados a ver nos filmes, em que o padre começa a gritar e o demônio grita mais alto ainda²⁵, no ritual que assisti, a prece do padre fora completamente calma e silenciosa, mas podíamos perceber que seu rosto se manteria firme e, mesmo com o jovem não ficando parado, manteve-se firme e concentrado em sua oração. Nesse momento quase não consegui reconhecer o padre, por quase um ano que havíamos nos conhecidos, nunca o vira tão sério e misterioso, seu semblante mudou completamente e o interessante é que quando o vi vestido a caráter para o ritual fiquei um pouco nervosa por pensar que algo poderia ocorrer durante o exorcismo e, sendo J. um rapaz de um metro e noventa centímetros de altura e o padre não tendo mais que um metro e sessenta e cinco, quem poderia impedir o rapaz caso ele tivesse um ataque de fúria. Todavia quando começou o ritual o padre se transformou de tal forma, que não o reconheci em nenhum momento, e ele passava um estado de confiança e controle tão grande do ritual que sentíamos (neste caso me refiro a mãe de J. e eu) que nada sairia de

²⁵ Em uma das conversas que tive com o padre, ele me contou que há vários padres que vão ao Vaticano, fazem cursos e estudam sobre o exorcismo, mas eles só ficam na teoria, sendo que ele que está ali todos os dias orando pelas pessoas, as pessoas chegam a todo o momento com suas aflições, e, como ele tem o dom do Espírito Santo, não precisa ficar fazendo cursos, mas apenas ter fé em Deus que no momento do ritual, Ele irá agir através dele.

errado no ritual, e foi justamente isso que aconteceu, ele não perdeu o controle em nenhum momento, do início ao fim o ritual foi conduzido da forma que ele como padre exorcista sempre faz.

[...] toda prece é um ato. Não é nem um puro devaneio sobre o mito, nem uma pura especulação sobre o dogma, mas implica sempre um esforço, um dispêndio de energia física e moral com vistas à produção de certos efeitos. Mesmo quando é totalmente mental, quando nenhuma palavra é pronunciada, quando todo o gesto é quase abolido, ainda é um movimento, uma atitude da alma. (MAUSS, 2009: 269).

J., durante a oração, não falou nenhuma palavra, ele apenas se sentiu incomodado, remexendo-se e tentando sair da cadeira, mas, à medida que a oração ia chegando ao fim, ele se acalmava. Logo depois da oração, o padre fez o sinal da cruz, benzeu o jovem com água benta e o óleo de nardo. O nardo é uma planta que possui um aroma muito bom, sendo muito utilizada na bíblia como perfume, mas também utilizada para a cura. “Então Maria pegou um frasco de nardo puro, que era um perfume caro, derramou-o sobre os pés de Jesus e os enxugou com os seus cabelos. E a casa encheu-se com a fragrância do perfume.” (João, 1997, cap.12, vers.3).

Dessa forma, após os rituais gestuais, o padre pediu que o rapaz acendesse vinte e uma velas, mas velas em formato de chave em homenagem ao Santo Expedito, pois ele é o Santo das causas urgentes, e pediu para que o jovem continuasse a se ungir com o óleo em casa todos os dias, fazer suas rezas e ir à Igreja para as missas, que, durante o passar do tempo, ele iria sentir uma melhora, até que não mais terias esse mal dentro de si.

O desempenho do gesto no contexto ritual inclui uma ampliação mimética do seu significado em dois aspectos. Primeiro, é uma imitação do toque curador de Jesus descrito na Bíblia. Segundo, é uma metonímia da solidariedade da comunidade cristã: a unidade de dois corpos que se tocam é a unidade da Igreja como o Corpo Místico de Cristo. (CSORDAS, 2008: 58).

Por fim, depois de acesa as velas, ele pediu a todos os presentes (inclusive a mim) que rezássemos três Ave-Marias, para que assim se selasse

o acordo com Deus, cumprindo tudo o que o padre pedira. Depois da reza, fomos todos embora.²⁶

Mas nem todos os ritos religiosos orais são orações é o caso do juramento do contrato verbal de aliança religiosa, do desejo, da bênção e da maldição, do voto e da dedicação oral, etc. [...] Um juramento, um contrato ritual está destinado a consagrar antes de tudo uma palavra dada, colocando-a sob a sanção dos deuses testemunhas. [...] Sem dúvida, todos estes ritos põem em movimento poderes religiosos, que contribuem para dar esta qualidade nova àquilo que é declarado, desejado, prometido. Mas o termo do ato não é a influência conquistada sobre as coisas religiosas mas é a mudança de estado produzida no objeto profano. (MAUSS, 2009: 272).

Dessa forma, o jovem faz todos os dias os rituais de se benzer e as orações em casa, e, quando pode, comparece as missas. Podemos perceber que ele já possui uma melhora significativa, já não demonstra tanta agressividade como demonstrava antes, mas o padre me disse que o seu caso será um processo demorado e lento, podendo levar mais de um ano para se livrar das doenças espirituais acometidas pelo inimigo.

Sendo assim, não posso dizer das outras denominações, pois não tive acesso, o ritual do exorcismo, pelo menos realizado por um padre carismático, é um ritual que não possui muitos detalhes desnecessários como os que estamos acostumados há ver nos filmes. O padre me disse que, às vezes, chegam pessoas que o caso é extremo, que ele mal começa a orar pela pessoa e ela já desmaia ou vomita, passando muito mal, nesses casos, o padre pode fazer o ritual do exorcismo até a pessoa ficar mais tranquila. O caso que eu presenciei é um caso mais comum de possessão, onde o acompanhamento do padre com várias sessões de exorcismos não é necessário, mas sua participação das orações de cura e libertação já basta,

²⁶ Em uma conversa posterior com o padre a respeito deste jovem, ele me disse que, como sua mãe demorou muitos anos para encontrar um padre exorcista, a enfermidade espiritual acabou por consumir seu físico, assim sendo, mesmo quando ele se livrar do demônio que lhe assola, ele não voltará a ser totalmente são, tendo que ter acompanhamento psiquiátrico pelo resto de sua vida.

mas o padre, sempre que pode, faz uma oração em particular em J. para ver como está o andamento do processo de libertação.

Em minha entrevista, indo a uma das missas de quarta-feira, o padre P. pediu a um homem, de nome A., que conversasse comigo, pois há três anos sua filha B. passou por momentos terríveis de possessão demoníaca. Na época, B. tinha vinte anos, e, segundo seu pai, a mãe de B. já frequentava a igreja, quando de repente B. começou a ter certas crises, como ter visões, ficar muito agitada e chegou a passar pelo estado de glossolalia, assim, seus pais pediram ajuda ao padre P., mas também foram ao médico (psicólogo e psiquiatra), pois sua filha fazia faculdade de enfermagem e acreditava mais na medicina que em cura religiosa, todavia, seus pais mantinham a fé em Deus para curar.

O padre P. realizou algumas sessões de exorcismo fazendo-a acreditar que realmente estava possessa, assim, a partir da confirmação de possessão da parte da própria B., os rituais começaram a ter efeito, e, hoje em dia, segundo seu pai, ela está liberta. “[...] as pessoas só são ‘possuídas’ quando consideram que estão, e quando outros membros da sociedade endossam essa reivindicação.” (LEWIS, 1977: 77).

Assim, pude ter a oportunidade de participar (digo aqui participar, pois de fato no ritual o padre envolve a todos que estão presentes, como em orações e interrogatórios) de um ritual de exorcismo e conheci pessoas e familiares que passaram por isso. Também pude perceber que é a crença no sobrenatural que faz o indivíduo manter-se na realidade, pois como no caso descrito acima, conversando com A., percebi que, quando todo mundo dizia que sua filha havia ficado louca, por causa de fatores neurológicos, onde os médicos lhe explicavam através de termos científicos difíceis de compreender, ele acabou encontrando na religião uma explicação de que a loucura de sua filha possuía um nome, e um nome conhecido, que era um demônio, fazendo com que A. acreditasse que sua filha seria curada, mesmo não sabendo de fato quem é esse demônio, pois é algo que somente ouviu falar, mas, ao menos, é uma linguagem a qual ele está mais familiarizado, pois desde pequeno ouve na igreja o quanto um demônio pode fazer mal a uma pessoa, levando à loucura, de repente. Isso nos lembra de Lévi-Strauss em *A Eficácia Simbólica*, quando

um médico, explicando à paciente sobre sua doença, diz-lhe que a causa são fatores externos, todavia, a paciente sente que sua alma que está doente, sendo que o fator causador viria de dentro e não de fora dela, assim faz o xamã quando busca explicar a paciente que sua doença vem de dentro, fazendo-a, então, acreditar e se libertar do mal que estivera passando.

A paciente, tendo compreendido, faz mais do que resignar-se, ela fica curada. Nada de comparável ocorre com nossos doentes quando se lhes explica a causa de seus problemas invocando secreções, micróbios e vírus. Talvez sejamos acusados de paradoxo se respondermos que é assim porque os micróbios existem, e os monstros não existem. Contudo, a relação entre micróbio e doença é externa ao espírito da paciente, é uma relação de causas e efeito, ao passo que a relação entre monstro e doença é interna a esse mesmo espírito, consciente ou inconsciente, é uma relação entre símbolos e coisa significada. O xamã fornece à sua paciente uma *linguagem* na qual podem ser imediatamente expressos estados não formulados, e de outro modo informuláveis. (LÉVI-STRAUSS, 2012: 281-282).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caminho traçado até aqui nos mostrou como o ritual do exorcismo faz parte não somente do imaginário popular mas está presente na vida de certas pessoas, que encontram nesse ritual uma saída para os males que lhes afligem. Entretanto, este trabalho é somente um fragmento de um universo místico, simbólico, religioso e ritualístico que o aborda através de uma perspectiva antropológica, simbólica e religiosa, sendo que diversas outras áreas (como, psiquiatria, teologia, literatura, etc.) abordam o ritual do exorcismo por outros ângulos. Assim, este trabalho não encerra o estudo sobre o ritual do exorcismo, pois durante as buscas foram encontrados diversos caminhos e portas que se abriram para novos olhares sobre o ritual na Igreja Católica, como uma comparação entre o exorcismo na Igreja Universal do Reino de Deus e na Igreja Católica Renovação Carismática, ou até mesmo um trabalho sobre os rituais estudados pelos antropólogos e encontrar suas convergências com o ritual do exorcismo, e há a possibilidade também de aprofundar os estudos de glossolalia e xenoglossia no ritual.

Este trabalho teve início por uma simples curiosidade pessoal, há um aprofundamento antropológico do ritual do exorcismo que sempre fora alvo de controvérsias sobre sua eficácia, tendo a medicina como um grande influenciador na descrença de alguns. Assim, a Igreja teve que ter muito cuidado ao tratar desse assunto, pois, sempre que divulgado publicamente, a pessoa dita possesora sofria por que alguns lhe diziam que o demônio não existia, mas sim que a pessoa sofria de problemas psiquiátricos, sendo assim, a Igreja vem tentando preservá-las, fazendo os rituais da maneira mais particular possível para que as pessoas envolvidas não passem por constrangimentos.

O ritual do exorcismo abarca o mundo sagrado e profano, colocando em prova às crenças do indivíduo, fazendo-o chegar aos extremos de sua fé para conseguir sua libertação. E a eficácia desse ritual apoia-se totalmente na crença; crença na existência do demônio; crença de que se está possuído; crença no poder do dirigente do ritual (neste caso o padre), e crença do próprio

dirigente em seus dons mágico-religiosos de cura, pois, se não houver crença em qualquer um desses fatores, o ritual não terá êxito.

Enfim, este trabalho mostrou um pedaço do mundo simbólico da tradição judaico-cristã, oferecendo dados empíricos e teóricos da eficácia do ritual do exorcismo e como ele foi se desenvolvendo em nossa história, resistindo até a atualidade.

6 METODOLOGIA

O objetivo deste trabalho foi alcançado através de uma pesquisa bibliográfica que recorreu a não somente a antropologia mas também o próprio campo religioso, e tendo também participação de campo para tentar compreender como de fato ocorre o ritual nos dias atuais.

Os capítulos 2, 3 e 4 foram efetuados através de uma pesquisa, que vai desde o mito de criação do homem até chegar aos casos de rituais do exorcismo que marcaram a história, para que servissem de apoio ao tópico 4.1, que trata da pesquisa de campo. Assim, este trabalho buscou traçar uma linha temporal do ritual do exorcismo até sua atualidade, tendo hoje várias modificações e limitações comparadas ao período das trevas na Europa.

O trabalho de campo me fez aprofundar não somente no exorcismo, mas me deparar com sentimentos das pessoas envolvidas que não encontramos nas teorias. Citando Roberto Cardoso de Oliveira, pois na pesquisa de campo pude observar as crenças dos indivíduos nos objetos, no padre, no simbolismo do ritual, para que assim ele tivesse sua eficácia.

[...] os atos de olhar e de ouvir são, a rigor, funções de um gênero de observação muito peculiar - isto é, peculiar à antropologia -, por meio da qual o pesquisador busca interpretar – ou compreender - a sociedade e a cultura do outro 'de dentro', e em sua verdadeira interioridade. (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2006: 34).

Sendo assim, a partir de dados antropológicos, teológicos e outros, juntamente com o trabalho de campo, este trabalho termina por aqui, sabendo que essa foi somente uma de diversas portas que esse mundo do simbólico e religioso nos propõe, mas que essa porta, aqui aberta, mostrou como somente um pedaço desse grande universo pôde levantar e proporcionar diversas discussões e ideias a respeito de como ainda é forte a crença dos indivíduos no sobrenatural, algo que foi tão discutido pelos antropólogos em seus estudos dos povos ditos “primitivos” (Malinowski, Durkheim, etc.), mas que ainda é bem vivo em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

- ALLEN, Thomas B. **Exorcismo uma história verdadeira**. Editora Nova Fronteira. Tradução Inácio Cardozo O'Donnell. Rio de Janeiro, RJ. 1994.
- AMORTH, Gabriele. **Exorcistas e Psiquiatrias**. Palavra & Prece Editora Ltda. 2008.
- ATOS DOS APÓSTOLOS. In: **A Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição Revista e Corrigida. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil. 1997.
- BASTIDE, Roger. **O Sagrado Selvagem**. v.2, n.2. Cadernos de Campo. USP. Traduzido de: BASTIDE, Roger. *Le Sacré Sauvage*. Paris, Payout, 1975. Tradução: Rita de Cássia Amaral. 1992.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer**. São Paulo: EDUSP, 1996.
- CAILLOIS, Roger. **O homem e o Sagrado**. Perspectivas do Homem/ edições 70, LDA. Lisboa – Portugal. 1988.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O Trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In. **O trabalho do antropólogo**. 3. ed. São Paulo: Paralelo 15, 2006.
- CSORDAS, Thomas. **Corpo/Significado/Cura**. Editora UFRGS. 1ª edição, 2008.
- DANTAS, Fábio Galvão, RIBEIRO, Clarissa Dantas, JÚNIOR, Windsor R. S. **Epilepsia em Celebidades**. Journal of Epilepsy and Clinical Neurophysiology. Departamento de Fisioterapia da Universidade Estadual da Paraíba (Campina Grande). 14(2), pp.71-75. 2008.
- DICIONÁRIO Dictionary.com, online, 2014.
- DICIONÁRIO Priberam online, 2012.
- DICCIONARIO DE ANTROPOLOGÍA, editado por Thomas Barfield. Editora XXI. 2000.

Documentos do Concílio Ecumênico VATICANO II. Direção editorial Paulo Bazaglia. Editora PAULUS, 2002.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e Perigo.** Editora Perspectiva S. A. 1976.

DRURY, Nevill. Dicionário de Magia e Esoterismo. Editora Pensamento. São Paulo. 2002.

DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa.** Coleção Os Pensadores. São Paulo: Ática. 1979.

_____. **O problema religioso e a dualidade da natureza humana.** Debates do NER, Porto Alegre, ano 13, n. 22 p. 27-61, jul./dez. 2012.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano** - a essência de religião. São Paulo: Martins Fontes. Tradução: Rogério Fernandes. 1992.

_____. **O Xamanismo e as Técnicas Arcaicas do Êxtase.** Martins Editora, 2º edição, 2002.

EXORCISTA, O. Direção: William Friedkin. Roteiro: William Peter Blatty. Distribuição Warner Bros (132min), 1973. Título Original: The Exorcist.

FERNANDES, Rubeneide Oliveira Lima. **Movimento Pentecostal, Assembléia de Deus e o Estabelecimento da Educação Formal.** Tese de dissertação de Mestrado pela Universidade Metodista de Piracicaba – SP. 2006.

FORTEA, José Antonio, **Svmmma Daemoniaca.** Editora: Editorial Dos Latidos, Espanha, 2004.

FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão.** Porto Alegre, RS: L&PM, 2010.

FUSTEL DE COULANGES, Numa Denis. **A cidade antiga:** estudo sobre o culto, o direito, as instituições da Grécia e de Roma. São Paulo, Hemus. 1975.

GENÊSIS. In: **A Bíblia Sagrada.** Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição Revista e Corrigida. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil. 1997.

GOODMAN, Felicitas D. **The Exorcism of Anneliese Michel**. Wipf & Stock Pub. 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro, DP&A, 1999.

HOUSEMAN, Michael. **O vermelho e o negro**: um experimento para pensar o ritual. *Mana* vol.9 no.2 Rio de Janeiro Oct. 2003.

HUXLEY, Adous. **The Devils of Loudun**. HarperCollins Publishers, 2009.

ISAÍAS. In: **A Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição Revista e Corrigida. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil. 1997.

JOÃO. In: **A Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição Revista e Corrigida. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil. 1997.

LAZIER, Josué Adam. **O carisma dos ministérios dados à Igreja**. *Revista Caminhando*, v. 11, n. 1 [17], p.84-94, 2010 [2ª ed. on-line 2010; 1ª ed. 2006].

LEACH, Edmund. **O Gênesis enquanto um mito**. Edmund Leach (R. Da Matta org.), SP: Ática, Col. Grandes Cientistas Sociais Nro. 38, 1983.

LÉVI-STRAUSS, Claude. A eficácia simbólica. In. **Antropologia estrutural**. São Paulo, Cosacnaify. 2012.

_____. O feiticeiro e sua magia. In: **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, [1949] 1975.

LEWIS, Ioan M. **Êxtase Religioso**. Editora Perspectiva S. A. São Paulo. 1977.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Magia, Ciência e Religião**. Lisboa: Edições 70. 1984.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. **“Bailando com o Senhor”**: técnicas corporais de culto e louvor (o êxtase e o transe como técnicas corporais). *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, V. 46 Nº 1. 2003.

MAUREY, Eugene. **Exorcismo**. A cura da possessão espiritual à distância. Pensamento 1993.

MAUSS, Marcel. A Prece (1909). In. **Ensaio de Sociologia**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

MYTHOS/LOGOS SAGRADO/PROFANO. **Enciclopédia Einaudi**, volume 12. Imprensa Nacional – Casa da Moeda. 1987.

OTTO, Rudolf. **O Sagrado**: um estudo do elemento não-racional na idéia do divino e a sua relação com o racional. (tradução: Prócoro Velasquez Filho). São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1985.

QUEVEDO, Oscar G. **A Face Oculta da Mente**, Ed. Loyola, 1993.

RICCI, Maurício. **Glossolalia, iniciação e alteridade no pentecostalismo**. Cadernos de campo, São Paulo, n. 16, p. 55-74, 2007.

RITUAL DE EXORCISMO E OUTRAS SÚPLICAS. Editora Paulus, São Paulo, 2ª edição, 2008.

SÃO MARCOS. In: **A Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição Revista e Corrigida. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil. 1997.

SILVA, Francisco Santos. **Magia: a Religião do “Outro”**. Revista Veredas da História. Centro de História da Cultura, Faculdade De Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. 2º Semestre. Ano III - Ed. 2 – 2010.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Candomblé e Umbanda**. Caminhos da devoção brasileira. 2.ed. – São Paulo: Selo Negro, 2005.

TURNER, Victor. **Floresta de Símbolos**: aspectos do ritual Ndembu. Rio de Janeiro: Eduff, 2005.

_____. **O Processo Ritual Estrutura e Anti Estrutura**. Editora Vozes. 1974.

VAN GENNEP, Arnold. **Linguistique et ethnologie** II. Essai d’une théorie des langues spéciales, Revue des études ethnographiques et sociologiques. Paris, Librairie Paul Geuthner, n° 6-7, pp. 327-337. 1908.

VIEIRA, Alcioni Galdino. **De Babel à Web**: o mito da língua perfeita na era da cibernética. Trabalho de doutorado em comunicação e semiótica. PUC-SP. 2009.

WILKINSON, Tracy. **Os exorcistas do Vaticano**. A verdadeira história dos padres que expulsam o diabo. Rio de Janeiro. Ediouro. 2008.